

João Paulo Soares

**Estudo Sistêmico-Funcional da Estrutura Lógica
de Artigos de Revista em Inglês**

**Mestrado em
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2008**

João Paulo Soares

**Estudo Sistêmico-Funcional da Estrutura Lógica
de Artigos de Revista em Inglês**

**Mestrado em
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Professora Doutora Leila Barbara.

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2008**

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____

São Paulo: _____

"Daqui a alguns anos você estará mais arrependido
pelas coisas que não fez do que pelas que fez.

Então solte as amarras.

Afastese do porto seguro.

Agarre o vento em suas velas.

Explore.

Sonhe.

Descubra."

Mark Twain

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Leila Babara que me acolheu, me ensinou a desconfiar do óbvio e me transformou num pesquisador crítico com sede de novas descobertas e desafios.

Aos meus pais que me deram amor e alicerce para encarar o mundo.

Ao meu grande amigo Marcos que esteve ao meu lado nas horas em que eu mais precisei.

Ao meu amigo professor doutor Orlando Vian Jr que acreditou no meu potencial e me ajudou a superar minhas limitações.

À professora doutora Rosinda de Castro Guerra Ramos que me ajudou a enxergar as coisas de maneira crítica e a encarar os desafios.

À professora doutora Maria Antonieta Alba Celani que me ensinou a essência da Lingüística Aplicada com sua riquíssima experiência.

Ao meu amigo Fabrício pelas dicas sempre úteis.

À professora Célia Macedo que me ajudou com os detalhes da minha dissertação.

As minhas colegas de orientação Fernanda, Elide e Gislene pelo carinho e companheirismo nestes dois anos de luta.

Ao CNPq pela bolsa concedida.

RESUMO

Como parte do contexto mais amplo do projeto DIRECT: *Em direção à linguagem do trabalho* (PUC-SP/LAEL), este estudo tem como objetivo investigar elementos gramaticais que contribuam para organização e coesão do texto, tanto abaixo (grupo verbal e nominal) quanto acima da oração (conjunção e referência pronominal), no arcabouço teórico da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994). Para tanto, analisa as estruturas dos textos (a metafunção lógica) de duas revistas: a norte-americana *Newsweek* e a versão brasileira da *Speak up*, esta especificamente voltada para estudantes de inglês como língua estrangeira (ILE). O estudo faz uso do programa computacional Wordsmith Tools (Scott, 1999). Os resultados mostram que os textos da *Speak up* contêm uma estrutura com maior número de elementos do que Bhatia (1983) denomina simplificação da linguagem, caracterizada por menor complexidade em termos lógicos: tempos verbais mais simples, em geral representados no processo como sufixo (passado, presente e futuro simples); mais grupos nominais com pré-modificadores e pós-modificadores com sintagmas preposicionados; mais conjunções coordenadas e pronomes de primeira pessoa, ao passo que os textos da *Newsweek* evidenciam maior elaboração lingüística em termos de complexidade textual, devido ao uso freqüente de: tempos verbais complexos, com auxiliar (perfectivo, progressivo, futuro com *going to* e passivo); grupos nominais densos lexicalmente como resultado de extensões decorrentes do encadeamento de informações, por meio da construção de sucessivas nominalizações e relativas definidoras; além de orações reduzidas, conjunções subordinadas e pronomes de terceira pessoa.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional; Estrutura do Texto; Artigos de Revistas; Estrutura Lógica; Metafunções

ABSTRACT

As part of the wider context of Project DIRECT: *Em direção à linguagem do trabalho* (PUC-SP/LAEL), this study aims at investigating grammatical elements that contribute to text cohesion and organization, both below (verbal and nominal group) and above clause (conjunction and pronominal reference), in the framework of Systemic-Functional Grammar (Halliday, 1994). It analyses the text structures (the logical metafunction) of two magazines: the North American *Newsweek* and the specifically directed to EFL (English as a Foreign Language) students, the Brazilian version of *Speak up*. The study makes use of the computational program Wordsmith Tools (Scott, 1999). Results show that the *Speak up* texts have a structure with more elements of what Bathia (1983) calls language simplification, characterized by lesser complexity in logical terms: more simple verb tenses, usually only represented as suffix in the process (simple past, present and future tenses); more nominal groups with premodifiers and postmodifiers with prepositional phrases; more coordinate conjunctions and first-person pronouns, whereas the *Newsweek* texts evidence greater linguistic elaboration in terms of textual complexity due to the frequent use of: complex verbal tenses, with auxiliaries (perfect and progressive tenses, future with *going to* and passive); lexically-dense nominal groups due to extensions resulting from information chaining through the construction of successive nominalizations and defining relatives clauses; besides reduced clauses, subordinate conjunctions and third-person pronouns.

Keywords: Systemic-Functional Grammar; Text Structure; Magazine Articles; Logical Structure; Metafunctions.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1: Fundamentação Teórica.....	7
1.1 Gramática Sistêmico-Funcional	7
1.1.1 Abaixo da Oração	11
1.1.1.1 Grupo Verbal	11
1.1.1.2 Grupo Nominal.....	14
1.1.1.3 Metáfora Gramatical	17
1.1.2 Acima da Oração	20
1.1.2.1 Complexo Oracional.....	21
1.1.2.2 Coesão Textual	27
Capítulo 2: Abordagem Metodológica	36
2.1 Contexto de situação das revistas	36
2.2 Dados da Pesquisa	39
2.3 Procedimentos de coleta e organização dos dados	40
2.4 Procedimentos de análise dos dados	42
Capítulo 3: Análise dos Dados e Discussão dos Resultados	48
3.1 Abaixo da oração	49
3.1.1 Grupo Verbal	49
3.1.1.1 <i>Be</i>	49
3.1.1.2 <i>Have</i>	54
3.1.2 Grupo Nominal	59
3.1.2.1 Pré-Modificadores	59
3.1.2.2 Pós-Modificadores.....	62
3.2 Acima da oração	67
3.2.1 Conjunção	67
3.2.1.1 <i>And</i>	67
3.2.1.2 <i>But</i>	71
3.2.1.3 <i>So</i>	73
3.2.1.4 <i>Then</i>	76
3.2.1.5 <i>That</i>	81
3.2.1.6 <i>Who</i> e <i>which</i>	84
3.2.1.7 <i>When</i> e <i>where</i>	88
3.2.2 Referência Pronominal	92
Considerações Finais	97
Referências Bibliográficas	100
Anexos	105

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1:	Estrutura constituinte da léxico-gramática	09
Quadro 2:	Realização dos tempos verbais primários e secundários	12
Quadro 3:	Funções dos componentes do grupo nominal	15
Quadro 4:	Grupo nominal à direita do processo <i>be</i>	17
Quadro 5:	Natureza da relação coesiva	31
Quadro 6:	Expansão teórica das relações conjuntivas	31
Quadro 7:	Estatística do corpus de estudo	41
Quadro 8:	Assuntos selecionados para análise	41
Quadro 9:	Ocorrência dos elementos gramaticais selecionados para análise	45
Quadro 10:	Tipos de referência pronominal	94
Quadro 11:	Características das estruturas dos textos nas revistas <i>Newsweek</i> e <i>Speak up</i>	96

ÍNDICES DE FIGURAS

Figura 1:	Sistema do complexo oracional	23
Figura 2:	Texto e contexto	30
Figura 3:	Sistema de referência	33
Figura 4:	Grupos nominais à direita do processo <i>is</i>	46
Figura 5:	Tipos de <i>be</i> no corpus	54
Figura 6:	Tipos de <i>have</i> no corpus	58
Figura 7:	Tipos de expansão paratática no corpus	81
Figura 8:	Tipos de expansão hipotática no corpus	92

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1:	Ocorrência de <i>be</i> e suas formas flexionadas	49
Tabela 2:	Ocorrência de <i>be</i> como processo	50
Tabela 3:	Ocorrência de <i>be</i> como auxiliar	51
Tabela 4:	Ocorrência de <i>have</i> e suas formas flexionadas	54
Tabela 5:	Ocorrência de <i>have</i> como auxiliar	55
Tabela 6:	Ocorrência de <i>have</i> como processo	57
Tabela 7:	Ocorrência de pré-modificadores	61
Tabela 8:	Ocorrência de pós-modificadores	63
Tabela 9:	Ocorrência de <i>and</i>	68
Tabela 10:	Ocorrência de <i>but</i>	71
Tabela 11:	Ocorrência de <i>so</i>	73
Tabela 12:	Ocorrência de <i>then</i>	77
Tabela 13:	Ocorrência de conjunções paratáticas	80
Tabela 14:	Ocorrência de <i>that</i>	82
Tabela 15:	Ocorrência de <i>who</i> e <i>which</i>	85
Tabela 16:	Ocorrência de <i>when</i> e <i>where</i>	88
Tabela 17:	Ocorrência de conjunções hipotáticas	91
Tabela 18:	Ocorrência de referência pronominal	93

Introdução

No início do século XX¹, a compreensão de leitura em inglês como língua estrangeira (doravante ILE) já se constituía em objeto de estudo da Lingüística. Em meados do século, nova linha de investigação – o estudo do inglês para fins específicos (doravante ESP) – veio trazer novas contribuições ao ensino da leitura em ILE no Brasil.

Em 1978, o Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental, liderado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a coordenação da Prof^a Dr^a Maria Antonieta Alba Celani, empreendeu uma série de pesquisas com foco principal na compreensão de leitura.

A partir da década de 1980, têm sido desenvolvidos estudos sobre compreensão de leitura em vários contextos, privilegiando o papel do léxico na compreensão da leitura em ILE (Scaramucci, 1995; Gattolin, 1998), as estratégias utilizadas na compreensão de leitura em ILE (Ramos, 1988; Siqueira, 1999), a reflexão como estratégia de leitura em ILE (Coelho, 2000), os processos cognitivos realizados no ato da leitura em ILE (Silva, 2001; Fantini, 1997), o ensino da leitura em ILE a partir de gêneros (Cristóvão, 2001), a participação do professor no processo de ensinar e aprender na aula de leitura num contexto universitário (Nunes, 2000) e a reconstrução dos significados no ensino-aprendizagem de leitura em ILE (Zygmantas, 2004).

O nosso interesse em relação à compreensão de textos, ou melhor, às dificuldades de compreensão escrita, origina-se de um projeto de leitura para alunos de língua inglesa como língua estrangeira que desenvolvemos em um

¹ O lingüista dinamarquês Otto Jespersen (1904) já demonstrava grande preocupação com o modelo de ensino de línguas modernas de sua época, opondo-se à leitura em voz alta e à tradução das palavras para a língua do aprendiz.

contexto empresarial nos anos de 2005 e 2006, período em que gerentes, coordenadores e secretárias bilíngües foram expostos a textos, autênticos e não-autênticos, de vários tipos de gêneros e sobre assuntos diversos, objetivando o aprimoramento dos seus conhecimentos lingüísticos.

Alguns dos textos trabalhados em sala de aula foram retirados de duas revistas: a norte-americana *Newsweek* e a brasileira *Speak up*, esta última voltada especificamente para estudantes de inglês como língua estrangeira. No decorrer do projeto, percebemos que os alunos tinham mais facilidade em compreender textos da *Speak up* do que aqueles publicados pela *Newsweek*, o que despertou o nosso interesse em descobrir o porquê.

Partimos do princípio de que as diferentes dificuldades dos alunos tinham a ver com o uso de conjunções, surgindo, assim, a nossa motivação inicial para o estudo das conjunções. A escolha do sistema das conjunções neste trabalho deve-se à sua evolução como recurso complementar para a criação e interpretação do texto, visto que, segundo Eggins (1994:105), “os padrões coesivos das conjunções, ou relações conjuntivas, referem-se a como o escritor cria e expressa as relações lógicas entre as partes de um texto”² (tradução nossa)³.

Tomando por base os textos extraídos das revistas *Newsweek* e *Speak up* durante o projeto de leitura, propusemo-nos a compará-los a fim de verificar como se caracterizam e se distinguem em termos de estrutura lógica e complexidade textual. Em busca de bibliografia pertinente, constatamos que no campo da Lingüística Aplicada no Brasil não se vêem registros de pesquisas dedicadas ao estudo do papel da conjunção na compreensão de leitura em ILE sob uma perspectiva sistêmico-funcional. A nossa opção de pesquisa origina-se, portanto, do limitado volume de estudos na área que contemplem a relevância do uso da

² The cohesive pattern of conjunction, or conjunctive relations, refers to how the writer creates and expresses logical relationships between the parts of a text.

³ Todas as traduções de citações dos autores de língua inglesa são de nossa autoria.

conjunção no processo de compreensão de leitura.

Sob uma perspectiva psicolingüística, ou seja, privilegiando as conexões entre o uso da linguagem e as estruturas psicológicas que nos permitem entender expressões, palavras, orações ou textos, Fernandes (1997) desenvolve estudo do papel das conjunções causais e adversativas (ou contrastivas) na compreensão de leitura de alunos da quinta série do ensino fundamental. Os resultados dessa pesquisa revelam que, quando o co-texto (ou contexto lingüístico) torna difícil ao leitor inferir uma determinada relação conceitual, a explicitação da conjunção é condição necessária – mas não suficiente – caso o aluno não tenha conhecimento da relação pretendida pelo uso desse elemento. A autora acrescenta que, no caso de eventual dificuldade co-textual (ou problema de legibilidade), para que a relação causal ou contrastiva possa ser inferida é aconselhável que a conjunção seja devidamente explicitada, buscando facilitar, dessa forma, a construção da coerência por parte do leitor.

Conjunções são, também, objeto de pesquisa de Lima (1996), com especial enfoque sobre o processo de produção escrita. Ao analisar a coesão textual em textos escritos por principiantes em ILE, a autora chama a atenção não somente para as conjunções mas também para outros elementos responsáveis por esse fenômeno como, por exemplo, a referência pronominal. Lima ressalta que a ausência de conjunções para marcar relações tais como causa, consequência ou descrição de um processo é uma das principais fontes de incoerência verificadas nas redações dos seus alunos.

A importância das conjunções como recurso coesivo, para fins de facilitação da compreensão escrita, tem sido objeto de vários debates. Nuttall 1996 (*apud* Innajih, 2006), por exemplo, sustenta que as conjunções ajudam os leitores de ILE a extrair o significado correto de um texto, em tempo normal, com um entendimento satisfatório.

Innajih (2006) chega aos mesmos resultados em pesquisa com estudantes de duas universidades libanesas. Para o autor, as conjunções têm efeito positivo na compreensão escrita desde que sejam explicitamente ensinadas. Essa conclusão decorre da identificação de vários problemas enfrentados por alunos libaneses, tais como deficiências na identificação das conjunções, no reconhecimento de seus significados e funções e na relação semântica que elas sinalizam em textos escritos. No seu entender, um esforço no sentido de ampliar o conhecimento lingüístico dos aprendizes sobre conjunções poderia significar o ponto de partida para facilitação da leitura – ou um obstáculo a menos para esse processo.

Em pesquisa sobre o papel das conjunções na compreensão de textos em segunda língua, Geva (1992) conclui que, com o aumento de proficiência na língua, os alunos que estão aprendendo um segundo idioma (doravante L2) vão, simultaneamente, aperfeiçoando a habilidade de usar e de inferir relações lógicas no e do discurso. Para tanto, precisam estar expostos à leitura de discursos conectados por conjunções, à natureza de marcadores que assinalem as relações entre os segmentos textuais, e à oportunidade de inferência das relações que não estejam claramente marcadas no texto. É de se supor, portanto, que a presença de conjunções em um texto seja altamente imprescindível, evitando-se, assim, possíveis ‘distorções’ no leque de interpretações consideradas possíveis (cf. Koch, 1991).

Por outro lado, no que tange aos estudos acima mencionados quanto ao papel da conjunção em leitura em ILE, no decorrer desta pesquisa fomos percebendo que a complexidade textual está presente não só entre as orações mas também dentro delas, em grupos verbais e nominais. Em consequência, o presente estudo, inserido no contexto mais amplo do projeto DIRECT: *Em direção à linguagem do trabalho* (PUC-SP/LAEL), tem como objetivo analisar elementos gramaticais que contribuam para organização e coesão do texto, tanto abaixo da oração (grupo verbal e nominal) quanto acima dela (conjunção e referência

pronominal). Com isso, esperamos contribuir para a área da Lingüística Aplicada bem como fornecer subsídios para a elaboração e/ou seleção de materiais voltados para o ensino de ILE.

A fim de alcançar o objetivo aqui proposto, foram formuladas as seguintes perguntas de pesquisa:

- Como se caracteriza o grupo verbal nos artigos das revistas *Speak up* e *Newsweek*?
- Como se caracteriza o grupo nominal nos artigos das revistas *Speak up* e *Newsweek*?
- Como se caracteriza a relação entre as orações nos artigos das revistas *Speak up* e *Newsweek*?

Com esse propósito, o presente trabalho foi organizado da seguinte maneira: o capítulo 1 é dedicado à fundamentação teórica da pesquisa e apresenta uma visão geral da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985, 1994, 2004), discorrendo brevemente sobre os componentes funcionais (as metafunções) que embasam este estudo, para a partir dela, apresentar os dois níveis de organização estrutural da oração: o nível abaixo da oração, focando os grupos verbais e nominais; e o nível acima da oração, voltando-se para o complexo oracional, e privilegiando a contribuição das conjunções e das referências pronominais para a coesão textual.

O capítulo 2 trata da abordagem metodológica, buscando primeiramente definir as características das revistas estudadas. Em seguida, descreve os textos utilizados para análise, o procedimento de coleta e organização dos dados, bem como os procedimentos utilizados na análise quantitativa dos dados, através do conjunto de ferramentas computacionais Wordsmith Tools (Scott, 1999), com vistas à melhor compreensão dos passos e critérios envolvidos na análise.

INTRODUÇÃO

O capítulo 3 aborda, conjuntamente, a análise dos dados e a discussão dos resultados. Serão discutidas as diferenças e semelhanças entre os textos da *Newsweek* e os da *Speak up* de modo a esclarecer como se caracterizam as estruturas dos textos produzidos nas duas revistas supracitadas.

As considerações finais incluem as respostas às perguntas de pesquisa, assim como as implicações e sugestões de pesquisas futuras, seguidas das referências bibliográficas e dos respectivos anexos.

Capítulo 1: Fundamentação Teórica

Este capítulo apresenta o embasamento teórico que sustenta a presente pesquisa. Primeiramente, introduzimos os princípios da Gramática Sistêmico-Funcional para, a partir dela, discutir a organização estrutural da oração, que está dividida em dois níveis. No primeiro nível – abaixo da oração, ou seja, internamente a ela – abordaremos os grupos verbal e nominal; no segundo nível – acima da oração, isto é, externamente a ela – focaremos o complexo oracional e a coesão textual, especificamente a conjunção e a referência pronominal.

1.1 Gramática Sistêmico-Funcional

Esta é uma pesquisa em Análise do Discurso (doravante AD), com suporte teórico da Gramática Sistêmico-Funcional conforme formulada inicialmente por Halliday (1985). A Análise do Discurso compreende, para Halliday (1994:xv), dois níveis de alcance: o primeiro busca contribuir para a compreensão do texto; em outras palavras, a análise lingüística visa mostrar como e por que o texto transmite significado da maneira como o faz. O segundo nível relaciona-se à avaliação do texto; neste nível, a análise lingüística procura mostrar por que o texto é – ou não – efetivo para os seus propósitos.

A Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) desenvolve teoria sobre a linguagem como processo social, dispondo de uma metodologia que permite a descrição detalhada e sistemática dos padrões lingüísticos. Toda e qualquer escolha léxico-gramatical realizada pelo usuário da língua está condicionada ao contexto, nunca de forma arbitrária mas sempre motivada pelas intenções do falante/escritor em relação ao ouvinte/leitor. Nessa perspectiva, a língua é vista

como um sistema de escolhas a ser utilizado pelo usuário no desempenho das funções sociais.

A GSF busca explicar como os significados são construídos nas interações lingüísticas cotidianas. Para tanto, requer a análise de produtos autênticos das interações sociais (textos orais ou escritos) que levem em conta o contexto, especialmente os aspectos cultural e situacional onde ocorrem, para explicar por que um texto significa o que significa, e por que é avaliado como é.

A abordagem sistêmica é entendida como funcional porque, como propõe Halliday (1985:xiii), dispõe-se a responder às seguintes perguntas:

- O que fazemos com a linguagem (que função tem a linguagem)?
- Como a linguagem está estruturada para ser usada (como estão estruturados os textos e outras unidades lingüísticas para construir significados)?

Em relação à segunda pergunta, Halliday (1985:xiii) afirma que a linguagem está estruturada a partir de componentes fundamentais de significado na língua: os componentes funcionais ou metafunções, que fornecem as explicações do uso da língua a partir das necessidades, dos propósitos do falante em um dado contexto de uso. Essas metafunções dizem respeito a três significados simultâneos: o *ideacional* (quando os usuários da língua falam do mundo, da maneira como o percebem, o sentem, o experienciam e o representam), o *interpessoal* (quando os usuários da língua constroem significados sobre suas relações com outras pessoas e suas atitudes em relação a elas) e o *textual* (quando os usuários da língua dão seqüência lógica ao pensamento, o que dependerá de elementos coesivos que indiquem relações entre orações, contexto e propósito).

Para realizar, simultaneamente, esses três tipos de significados, a linguagem conta com um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática.

Butt et. al. (2000:11) corroboram as palavras de Halliday ao afirmarem que a linguagem, na perspectiva sistêmico-funcional, pode ser considerada um “sistema em multiníveis no qual os falantes/escritores fazem escolhas léxico-gramaticais motivadas pelo significado apropriado para um dado contexto, e depois expressam essas escolhas léxico-gramaticais no(a) som/escrita”⁴. A estrutura constituinte da léxico-gramática é definida por Halliday (1994:23) como unidades maiores compostas por unidades menores, ou seja, períodos compostos de orações que se compõem de grupos, que se compõem de palavras, que se compõem de morfemas, conforme representação de Eggins (1994:129) no quadro abaixo:

Oração – Complexo Oracional
Grupo / Frase
Palavra
Morfema

Quadro 1: Estrutura constituinte da léxico-gramática

O complexo oracional é descrito por Halliday (1985:193) como uma associação de orações em seqüência, indicada pelo ponto final. O exemplo 1 ilustra essa estrutura:

01: (SU: 42)⁵

Batman is a dark, obsessed character,	but that's not Batman to my eyes.
ORAÇÃO	ORAÇÃO
COMPLEXO ORACIONAL	

Grupos e frases, segundo Eggins (1994:126), são vistos como coleções de palavras que desenvolvem trabalho similar na oração, ou seja, um grupo nominal

⁴ Language can be considered, from a FG perspective, a multileveled system in which speakers and writers make lexico-grammatical choices motivated by the meanings appropriate to a given context, and then express these lexico-grammatical choices in sounds or writing.

⁵ Todos os exemplos usados na Fundamentação Teórica foram retirados do corpus de estudo e seguem as abreviaturas das revistas (SU e NW).

é um grupo de nomes (*noun-like*), assim como um grupo verbal é composto por elementos verbais, como mostram os exemplos a seguir:

02: (SU: 42)

A	dark	obsessed	character
GRUPO NOMINAL			

03: (NW: 31)

Appeared	to be	coasting
GRUPO VERBAL		

O presente trabalho propõe-se a comparar textos de duas revistas com o propósito de identificar as escolhas léxico-gramaticais feitas por seus autores, em termos de estrutura do texto; em outras palavras, busca determinar como são construídos os complexos oracionais, as orações e os grupos verbais e nominais nos textos sob análise, por julgá-los relevantes para a análise da oração em ambos os níveis: abaixo (grupo verbal e nominal) e acima (complexo oracional e coesão textual). Dentre as análises propostas e no nível abaixo da oração abordaremos também, de forma sucinta, a metáfora gramatical por entendermos que esse fenômeno lingüístico representa uma forma incongruente de expansão do grupo nominal (nominalização), e, para maior clareza, a metáfora gramatical constituirá uma seção separada da discussão do grupo nominal, devido à sua relevância no corpus, constituindo-se em uma grande diferença entre as duas revistas.

Assim sendo, passamos a descrever a estrutura dos grupos verbal e nominal, que integram a estrutura abaixo da oração. Para tanto, e valendo-nos dos conceitos da GSF para essa descrição, usaremos a metafunção ideacional, que trata do significado como organização da experiência (experencial) e expressão das relações lógicas nas unidades complexas (lógica).

1.1.1 Abaixo da Oração

Halliday (1994:180) define os grupos verbais e nominais como *complexos de palavras* (*word complex*), ou seja, uma combinação de palavras desenvolvida com base em uma relação lógica, daí o nome *grupo* (= grupo de palavras).

Do mesmo modo que as orações, grupos e frases formam complexos através de parataxe e hipotaxe, também conhecidas como coordenação e subordinação. Em conformidade com Halliday (1994:274), “os grupos ou frases formados pela parataxe são mais gerais e fáceis de compreender, enquanto a hipotaxe que pode ser construída nesse nível é muito mais complexa”.⁶

1.1.1.1 Grupo Verbal

O grupo verbal é descrito por Halliday (1994:196) como “a expansão de um verbo, consistindo em uma seqüência de palavras pertencentes à classe primária do verbo”⁷, como mostra o exemplo abaixo:

04: (NW: 15)

Time that	could be spent memorizing	the names and faces of the 200 people.
	GRUPO VERBAL	

Para a análise do grupo verbal, assim como a do grupo nominal, Halliday (p.197) não considera imprescindível a utilização das três metafunções (ideacional, interpessoal e textual). Cabe, portanto, ao especialista selecionar o componente semântico a ser analisado e optar pela função mais adequada ao cumprimento desse objetivo.

⁶ The kinds of paratactic nexus formed with groups or phrases are fairly general and easy to state. The hypotactic patterns that may be construed at this rank are however much more complex.

⁷ A verbal group is the expansion of a verb; and it consists of a sequence of words of the primary class of verb.

Considerando o propósito desta pesquisa que é analisar as estruturas lógicas dos textos em duas revistas, o grupo verbal será estudado sob a óptica da metafunção lógica. Nesse sentido, Halliday (2004:338) afirma que:

“Evidentemente, é possível representar cada caso do grupo verbal através de uma análise estrutural, mostrando os Auxiliares de maneira paralela ao que é feito com o grupo nominal. No entanto, os elementos do grupo verbal são unicamente gramaticais (ex. as opções que eles representam são fechadas – passado /presente /futuro, afirmativas /negativas, ativas /passivas); é, portanto, mais simples só usar notações lógicas”⁸.

Halliday (1994:198) diz que “a estrutura lógica do grupo verbal compreende o sistema do tempo verbal”⁹ da língua inglesa, dividido em tempo primário (funcionando como núcleo da estrutura lógica do grupo) e secundário (funcionando como modificadores do núcleo). O tempo primário será passado, presente ou futuro simples (marcado, em inglês, no processo pelos afixos: V-ed, V-s, *will*+V(infinitivo), quando for o único elemento da estrutura lógica ou o primeiro elemento do grupo em caso de tempos secundários), ao passo que o tempo secundário corresponde às formas perfectiva, progressiva, futuro com *going to* e passiva (formado por auxiliar mais processo marcado pelos sufixos: *have*+V-en, *be*+V-ing, *be going to*+V(infinitivo), *be*+V-en), como mostra o quadro abaixo:

	Primário	Secundário
Passado	Passado Simples	Perfectiva
Presente	Presente Simples	Progressiva
Futuro	Futuro Simples	Futuro com <i>going to</i>
		Passiva

Quadro 2: Realização dos tempos verbais primários e secundários
(traduzido e adaptado de Halliday, 1994:199)

No tempo secundário, embora o processo continue atuando como modificador do núcleo verbal, em casos de ocorrência de mais de um auxiliar um

⁸ Clearly it is possible to represent every instance of a verbal group by a structural analysis showing the Auxiliaries, in a way that is parallel to what is done for the nominal group. However, the elements of the verbal group are purely grammatical (i.e. the options they represent are closed – past/present/future, positive/negative, active/passive – not open-ended); so it is simpler just to use logical notation.

⁹ The logical structure of the verbal group realizes the system of tense.

destes passa a desempenhar o papel de modificador. Os exemplos que se seguem buscam explicitar melhor a estrutura lógica dos grupos verbais aqui aventados.

O exemplo 5 (a seguir) expõe um tempo verbal primário, em que o processo (*is*) está funcionando como núcleo verbal (que pode ser representado pela letra do alfabeto grego (α). Enquanto que no exemplo 6 o processo *done* está modificando (subordinando) o auxiliar *being* o qual, por sua vez, está modificando o auxiliar *is*, o que caracteriza um grupo verbal complexo. Se, no segundo caso, representarmos os auxiliares (*is*) e (*being*), respectivamente, pelas letras gregas (α) e (β), e o processo (*done*) pela letra (γ), teremos: *is* (α) + *being* (β) + *done* (γ).

05: (SU: 22)

Cape Town	is	a city that was born with a vocation to be peculiar.
	PROCESSO – núcleo (TEMPO PRIMÁRIO)	

06: (NW: 59)

Privacy research	is being done	by ARDA or by the surviving remnants of Poindexter's program.
	AUXILIAR + PROCESSO – modificadores (TEMPO SECUNDÁRIO)	

É oportuno mencionar que o tempo verbal em inglês compõe-se de dois sistemas distintos: o tempo finito e o não-finito. Segundo Halliday (2004:115), o sistema finito relaciona-se, em termos gramaticais, ao tempo da fala (ao aqui-e-agora), utilizando-se do tempo primário representado por passado, presente e futuro. Por outro lado, o sistema não-finito não se fixa na temporalidade, sendo construído por tempos verbais no infinitivo (*to*), no gerúndio (*ing*) e no particípio (*en*). Vejamos, a seguir, um exemplo de cada sistema:

07: (NW: 30)

The biggest houses	will be	2,849 square feet, with stainless-steel appliances, 10-foot ceilings and granite countertops.
	FINITO	

08: (NW: 03)

Banda on Tuesday accused the rights groups	of being	"jealous of my son."
	NÃO-FINITO	

Esta pesquisa analisará os verbos mais frequentes no corpus (*be* e *have* e suas formas flexionadas).

1.1.1.2 Grupo Nominal

Para uma descrição do grupo nominal que nos permita compreender o significado de grupo como um recurso gramatical utilizado para representar coisas, Halliday (1994:193) sugere a sua interpretação sob dois pontos de vista: o lógico e o experiencial.

O grupo nominal é formado por um núcleo – a parte mais importante do grupo, composto por substantivo comum, nome próprio ou pronome – precedido ou seguido de vários outros itens que de alguma forma o caracterizam, denominados ‘modificadores’. A modificação do núcleo nominal pode ser feita de duas maneiras: por meio de pré-modificadores (aqueles que o antecedem) e por meio dos pós-modificadores (os que o seguem), conforme mostra o exemplo 9 a seguir:

09: (NW: 58)

Midtown is	a coercive, cultlike	group	that uses the trusted AA name to induce young alcoholics into a radical fringe movement that has little resemblance to traditional AA.
	PRÉ- MODIFICADORES	NÚCLEO	PÓS- MODIFICADORES

A análise da estrutura lógica do grupo nominal, segundo Halliday (2004:330), inclui a formulação de uma base hipotética da pré-modificação, em que é explicitado o porquê da escolha na produção de uma seqüência longa dentro do grupo nominal. Isso significa que, sob o aspecto lógico, o que importa é a organização estrutural do núcleo nominal com os seus modificadores. No exemplo 9 (acima) há um núcleo (*group*), modificado por (*coersive, cultlike*), que por sua vez é modificado por (*a*) e ultimado por um pós-modificador bastante extenso (*that uses the trusted AA name...*).

Sob o aspecto experiencial, cada elemento do grupo nominal tem uma função diferente em relação ao todo; em outras palavras, a função experiencial especifica (i) as classes de coisas e (ii) as categorias dessas coisas dentro das classes, alocando uma função a cada elemento do grupo nominal, diferentemente da lógica segundo a qual o que importa não é a função, e sim a estrutura.

Ainda na relação experiencial, primeiramente Halliday (1994) nomeia o participante, denominado *coisa (thing)*; a partir daí, o restante do grupo nominal pode ser classificado por um classificador; descrito por um epíteto; qualificado por um qualificador; contado ou medido por um numerativo; ou simplesmente determinado por meio de um dêitico, cabendo então especificar sobre quem e o que estamos falando, como demonstra o quadro de Martin & Rose (2003) a seguir:

Dêitico Modificador	Numerativo Modificador	Epíteto Modificador	Classificador Modificador	Coisa Núcleo	Qualificador Modificador
Artigo	Numeral	Adjetivo	Substantivo	Substantivo	Frase/Oração
A			farm	girl	
A		young		man	in his twenties
The			police	officers	who applied for it

Quadro 3: Funções dos componentes do grupo nominal (adaptado de Martin & Rose, 2003:109)

Sob a perspectiva sistêmico-funcional, os pré-modificadores são formados por artigos, numerais, adjetivos e substantivos, ao passo que os pós-modificadores, denominados qualificadores na função experiencial, são vistos por Halliday (2004:329) como orações relativas definidoras¹⁰ – ou orações encaixadas – que podem funcionar de três formas, conforme mostram os exemplos abaixo:

10: (NW: 36)	America is a gigantically disproportionate consumer of the world's resources.	Sintagma Preposicionado
11: (NW: 24)	Cruise Critic is a comprehensive cruise vacation planning guide providing objective cruise ship reviews, cruise line profiles, destination content on 125+ worldwide ports, cruise bargains, tips, industry news, and cruise message boards.	Oração Não-Finita
12: (NW: 62)	The camp's Club Den is an activity center where kids can partake in arts and crafts projects like making elephant-dung paper.	Oração Finita

Como podemos observar, as orações relativas definidoras não vêm acompanhadas de vírgulas, em contraste com as orações relativas não-definidoras, que, de acordo com Halliday (2004:325), são dependentes hipotaticamente (subordinadas) e estão sempre entre vírgulas. Em vista disso, depreende-se que as orações relativas não-definidoras fazem parte da oração subordinada não podendo, portanto, funcionar como elemento do grupo nominal, mas sim como pertencente ao complexo oracional.

Para a análise do grupo nominal, recorreremos aos elementos gramaticais à direita do processo *be* o qual, segundo Martin & Rose (2003:76), é “amplamente utilizado para atribuir qualidade a pessoas e coisas, classificá-las como uma coisa ou outra, nomear suas partes ou identificá-las”¹¹, como mostra o quadro abaixo:

¹⁰ Segundo Halliday (2004:402), a oração relativa definidora (*defining relative clause*) indica o termo ao qual se refere e, portanto, é essencial para o entendimento da mensagem (não vem entre vírgulas); ao contrário da oração relativa não-definidora (*non-defining relative clause*), que adiciona ao termo ao qual se refere uma simples informação, não sendo, portanto, essencial para o entendimento da mensagem (vem sempre entre vírgulas ou depois de vírgula).

¹¹ (It is) used most commonly to ascribe qualities to people and things, to classify them as one thing or another, to name their parts, or to identify them.

Qualidade	Flint is a scary character in the children's classic, <u>Treasure Island</u> . (SU: 57)
Classe	Cape Peninsula is a National Park on the most famous southern point of Africa. (SU: 22)
Identidade	The winner was <u>Sophia Gorgodze from Georgia</u> and the runner up was <u>Pia Zeinoun from Lebanon</u> . (SU: 08).
Existência	There is <u>a piquant irony</u> in all this fervour. (SU: 33)

Quadro 4: Grupo Nominal à direita do processo *be* (adaptado de Martin & Rose, 2003:82)

No quadro 4, os elementos sublinhados são grupos nominais, constituídos tanto por pré-modificadores quanto por pós-modificadores, à direita do processo *be*.

A seguir, passaremos a tratar, de forma resumida, da metáfora gramatical por ser esta uma forma de expansão do grupo nominal.

1.1.1.3 Metáfora Gramatical

Halliday (1994:341) diz que “a metáfora é geralmente descrita como uma variação no uso das palavras, isto é, uma variação na expressão do significado”¹².

O autor explica mais adiante (p. 342) que o significado metafórico é também denominado incongruente, enquanto o significado mais ‘literal’ das palavras é conhecido por congruente. Cabe lembrar que a realização congruente não é melhor – ou mais freqüente – que a incongruente, tampouco funciona como norma padrão. Tanto assim que existem inúmeros casos em que a representação metafórica tem-se tornado norma, o que é considerado por Halliday (1994:342) como um processo natural de mudança lingüística.

A metáfora gramatical é classificada, segundo Thompson (1996:165), como “a expressão de um significado por meio de uma forma léxico-gramatical que se

¹² Metaphor is usually described as variation in the use of words... metaphor is variation in the expression of meanings.

desenvolve para expressar um tipo diferente de significado”¹³. Há dois tipos de metáfora gramatical na oração: a metáfora interpessoal e a ideacional. Este trabalho privilegia a metáfora ideacional (experencial e lógica), em conformidade com as seções anteriores (níveis abaixo da oração).

A metáfora ideacional pode ser produzida de duas maneiras: (i) pela utilização metafórica do processo, e (ii) pela utilização do grupo nominal na representação do processo (nominalização). Vejamos um exemplo de cada:

13: (NW: 57)

While more than 400 billion cups of coffee are sipped and savored every year – more than any other beverage except water – little of the profit **trickles down** to the farmers.

METÁFORA GRAMATICAL – PROCESSO

14: (NW: 29)

But the trail of events that led to this perilous moment—making North Korea the first new declared nuclear power in eight years, and undoubtedly the most unstable of the eight (not including Israel) in the world today—had a great deal to do with years **of misplaced pride and prejudice** between Pyongyang and Washington, **of deep misunderstanding and disastrous missed chances**.

METÁFORA GRAMATICAL – NOMINALIZAÇÃO

No exemplo 13, *trickles down* (gotejar, escorrer devagar) está metaforizando o processo, uma vez que lucros não gotejam; ao passo que, no exemplo 14, os processos *misplace*, *misunderstand* e *miss* tornam-se parte do grupo nominal – daí o termo nominalização. A presente pesquisa limitar-se-á a este segundo tipo de metáfora ideacional, utilizado na expansão do grupo nominal.

Halliday (1994:352) afirma que “a nominalização é o recurso mais poderoso para a criação da metáfora gramatical”¹⁴, pelo qual um processo ou adjetivo é reformulado como substantivo. Na nominalização, ao invés de funcionarem na oração como Processo (verbo) ou Atributo (adjetivo), eles atuam como Coisa

¹³ The expression of a meaning through a lexico-grammatical form which is originally evolved to express a different kind of meaning.

¹⁴ Nominalizing is the single most powerful resource for creating grammatical metaphor.

(substantivo) no grupo nominal.

O autor acrescenta que é por meio da nominalização que construímos orações lexicalmente densas (*lexically dense*) devido à abrangência de grande número de itens lexicais dentro da oração, incorporados ao grupo nominal. O grupo nominal é, por conseguinte, o principal recurso usado pela gramática para empacotar (*packing*) itens lexicais em alta densidade.

Halliday (1994:57) explica que “a densidade lexical aumenta não porque o número de itens lexicais cresce, mas porque o número de itens não-lexicais – palavras gramaticais – diminui; e conseqüentemente, o número de orações diminui ainda mais”.¹⁵

A densidade lexical é vista pelo autor como uma forma de complexidade, assim como a complexidade gramatical (*grammatical intricacy*), que constrói complexos oracionais sem o uso explícito de conjunções de relação de interdependência (parataxe ou hipotaxe), como exemplificado a seguir:

15: (NW: 58)

Now 16, she is one of hundreds of recovering alcoholics **who** are taking sides in a bitter, unprecedented dispute among Alcoholics Anonymous adherents **that** pits members of Midtown **who** insist the organization has saved their lives and kept them sober against angry former member **who** charge it is a coercive, cultlike group **that** uses the trusted AA name to induce young alcoholics into a radical fringe movement **that** has little resemblance to traditional AA.

COMPLEXIDADE LEXICAL E GRAMATICAL¹⁶

Enquanto em 15 temos um período bastante complexo lexicalmente pela expansão dos grupos nominais por meio das orações relativas definidoras (restritivas) *who* e *that*, sem conexão explícita das orações por conjunções, em 16 o complexo oracional é claramente conectado pelas

¹⁵ The lexical density increases not because the number of lexical items goes up but because the number of non-lexical items – grammatical words – goes down; and the numbers of clauses goes down even more.

¹⁶ Os elementos *who* e *that* estão atuando aqui como parte do grupo nominal da oração restritiva (encaixada), e não como conjunções hipotáticas ligando complexos oracionais.

conjunções coordenadas *so*, *but* e *and*, caracterizando-se, segundo Halliday (1994), como uma oração simples.

16: (SU: 31)

The British solution is a natural derivative of the tobacco plant so this is not a problem but the effect lasts only three to four months and you must repeat the treatment.

ORAÇÃO SIMPLES – CONJUNÇÕES PARATÁTICAS
--

Finda a seção que trata da expansão abaixo da oração, passaremos a discutir, na seção seguinte, a organização estrutural da oração no nível acima da oração, focando o complexo oracional e a coesão textual.

1.1.2 Acima da Oração

Para Halliday (1994:215), um período pode ser interpretado como um complexo oracional, formado por um núcleo oracional e pelas orações que o modificam. Essa relação (Núcleo + Modificador) assemelha-se à existente entre complexo oracional e grupo (cf. item 1.1.1 acima): o período é desenvolvido pela expansão externa da oração, daí a expressão ‘acima da oração’, enquanto o grupo desenvolve-se pela expansão interna da oração, ou seja, abaixo desta.

Não podemos, contudo, considerar a estrutura do período somente em termos de Núcleo + Modificador, como fazemos com os grupos. Nesse sentido, Halliday (1994:216) lembra que “devemos interpretar as relações entre orações em termos de componente ‘lógico’ do sistema lingüístico: as relações semântico-funcionais que compõem a lógica da língua natural”¹⁷. O autor acrescenta, ainda, que essa interpretação sistêmica pode ser feita de duas maneiras: (i) através do sistema de interdependência, formado por parataxe e hipotaxe (cf. seção 1.1.2.1 a seguir), comum aos dois complexos (oracional ou grupo); e (ii) por meio do sistema lógico-semântico representado por expansão e projeção do complexo

¹⁷ We shall interpret the relations between clauses in terms of the ‘logical’ component of the linguistic system: the functional-semantic relations that make up the logic of natural language.

oracional, que corresponde a uma relação especificamente externa à oração. Na próxima seção, veremos como funcionam esses dois sistemas.

1.1.2.1 Complexo Oracional

Devido à associação tanto sistêmica quanto estrutural com o significado experiencial, Halliday (1985) classifica conjuntamente as metafunções experiencial e lógica, ambas sob a metafunção ideacional. Nesse nível de estrutura, optamos pela metafunção lógica ao investigarmos como, na formação de complexos oracionais, as orações se ligam umas às outras por meio de relações lógico-semânticas. Nessa investigação, observamos que há dois sistemas básicos determinantes: o grau de interdependência (ou *taxes*) e a relação lógico-semântica.

Em relação ao grau de interdependência, notam-se dois tipos de estrutura: a paratática, quando duas orações estão relacionadas entre si em estatutos iguais; e a hipotática, quando os estatutos das duas orações são desiguais. Nesse contexto, e em consonância com Halliday (1985:195), as orações são independentes na parataxe, sem predominância de uma sobre a outra. Por outro lado, a hipotaxe caracteriza-se por relações de dependência entre as orações e pela predominância formal de uma sobre a outra. Em princípio, a relação paratática é logicamente simétrica e transitiva, enquanto a relação hipotática é assimétrica e intransitiva, ou seja, na parataxe as orações (inicial e consequente) são livres, ao contrário do que ocorre na hipotaxe, em que uma oração é livre (dominante /principal) e a outra dependente. Vejamos alguns exemplos retirados do corpus de estudo:

17: (SU: 47)

Numbers are limited for these tours,	so you must book in advance.
ORAÇÃO PARATÁTICA	

18: (SU: 02)

In 1994 he <Lula> lost	because the recent success of the Real Plan had made FHC wildly popular.
ORAÇÃO HIPOTÁTICA	

Na visão de Halliday (2004:383), as estruturas táticas (paratática e hipotática) dos complexos oracionais são relacionais passíveis de serem chamadas de univariáveis (*univariate*). As estruturas univariáveis, no nível das orações, situam-se em uma espécie de fronteira gramatical entre o complexo oracional e a coesão do texto. Halliday & Hasan (1976) referem-se à relação além dessa fronteira como não-estrutural, por transcender a estrutura gramatical. Mais adiante (p. 384), os autores sustentam que a estrutura multivariável (*multivariate*) corresponde à configuração de diferentes relações funcionais, como Modo + Resíduo, Possuidor + Processo + Possuído, Tema + Rema, etc. O exemplo a seguir pode contribuir para uma melhor compreensão do funcionamento da estrutura multivariável:

19: (NW: 54)

Brazil	has	187 million citizens.
MODO		RESÍDUO
POSSUIDOR	PROCESSO	POSSUÍDO
TEMA	REMA	

Na relação lógico-semântica verificam-se, da mesma forma, dois tipos básicos de relação com funcionamentos bastante distintos: a expansão e a projeção. A relação de expansão ocorre quando a segunda oração expande a primeira, e está classificada sob três subtipos: elaboração, extensão e intensificação.

É importante ter em mente que, apesar dos sistemas de interdependência e lógico-semântico serem aqui discutidos em separado, toda relação paratática e hipotática carrega, também, uma relação lógico-semântica de expansão ou projeção, e vice versa. Vejamos a figura que exemplifica o sistema do complexo oracional:

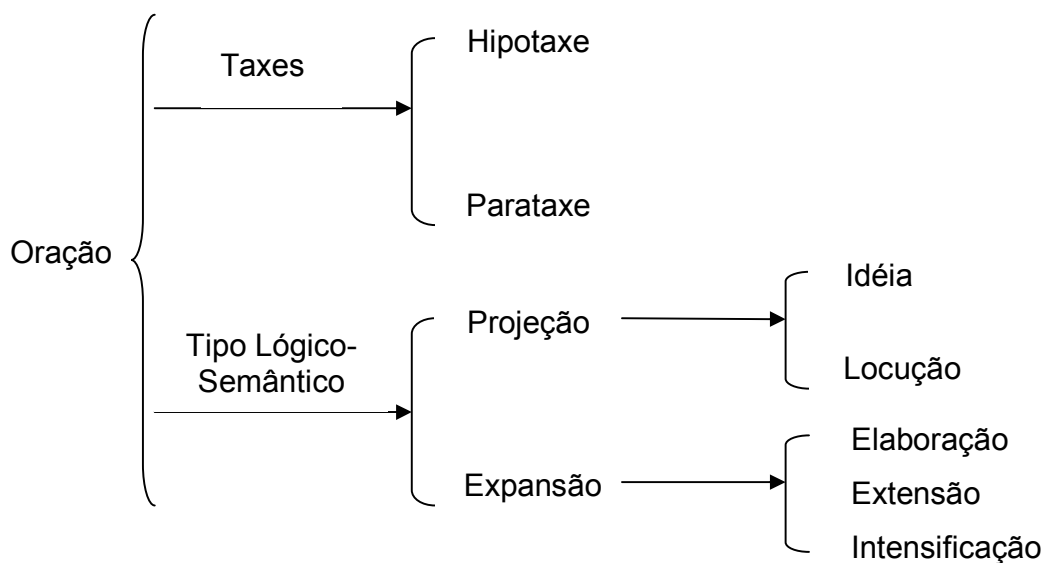


Figura 1: Sistema do complexo oracional (adaptado e traduzido de Halliday, 2004:373)

Em relação à expansão, podemos considerar uma de suas categorias – a elaboração – como a categoria tradicional de aposição, que visa fornecer informação adicional sobre o que já está presente na oração. A elaboração pode ser construída parataticamente, com o uso de conjunções de exposição (*or* (*rather*), *in other words*, *that is* (*to say*), *I mean* (*to say*), *i.e.*), de exemplificação (*for example*, *for instance*, *in particular*, *e.g.*) e de esclarecimento (*in fact*, *actually*, *indeed*, *at least*). Incluímos a seguir um exemplo de cada tipo:

20: (SU: 20)

So Speak Up decided to see "what gringos come to see here in Brazil," **or rather**, "the Brazil we show them," starting with the Pantanal.

ELABORAÇÃO: EXPOSIÇÃO

21: (NW: 52)

Europe's alienated and angry Muslim minorities, **for instance**, will hardly be encouraged to come to terms with Western culture if Europe sends a clear signal that Turks cannot be full Europeans.

ELABORAÇÃO: EXEMPLIFICAÇÃO

22: (NW: 58)

Hanrahan says a little disorder and disagreement inside AA isn't necessarily a bad thing—**in fact**, it almost always works out for the good.

ELABORAÇÃO: ESCLARECIMENTO

Outra forma de elaboração dá-se através das conjunções hipotáticas que são formadas pelas relativas não-definidoras ou não-restritivas (cf. seção 1.1.1.2). Nesse tipo de construção, a oração pode ser finita (*which*, *who*, *whose*, *where*, *when* e ocasionalmente *that*) ou não-finita, conforme os exemplos a seguir:

23: (SU: 14)

Harry S. Truman, who was President of the United States from 1945 to 1953, and who authorised the dropping of atom bombs at Hiroshima and Nagasaki, was known to say manure as often as a farmer used it.

ELABORAÇÃO: RELATIVA NÃO-DEFINIDORA – FINITA

24: (NW: 10)

The world's established nuclear powers have for the past decade foregone real test blasts for the onscreen kind, harnessing the world's most powerful computers to simulate as best as possible what happens when a nuclear bomb explodes.

ELABORAÇÃO: RELATIVA NÃO-DEFINIDORA – NÃO-FINITA

Dentre os tipos de elaboração exemplificados nesta seção, a presente pesquisa utilizará os de maior frequência no corpus de estudo, ou seja, as relativas não-definidoras finitas (*that*, *which*, *who*, *when* e *where*) e não-finitas (construídas por tempos verbais no infinitivo *to*, no gerúndio *ing* e no particípio *en*).

A segunda categoria de expansão é a extensão, que corresponde à coordenação em moldes tradicionais. Em outras palavras, a extensão é a relação semântica das conjunções *and*, *or* e *but*, e ocorre quando uma oração estende o significado da anterior, pelo acréscimo de algo novo ou por variação (quando uma oração altera o significado de outra por contraste ou qualificação). Alguns tipos de extensão citados por Halliday incluem as conjunções *and*, *also*, *moreover*, *in addition*, *nor*, *but*, *yet*, *however*, *apart from that*, *on the contrary*, *instead*, *except for that*, *or*, *either... or*, *conversely*, *alternatively*, *on the other hand* e *if... not*. Exemplificamos dois desses casos a seguir:

25: (SU: 42)

Later he sat at home, thinking of his failure, when a bat flew in his window and he had a vision.
--

EXTENSÃO – ADIÇÃO

26: (SU: 37)

Over 250,000 people lived there during the time of Jesus, but 1,500 years later the Aztecs found it completely abandoned - a ghost city - and nobody knows why.
--

EXTENSÃO – ADVERSATIVA

No que tange à extensão, serão analisadas as conjunções paratáticas de maior frequência no corpus: *and* e *but*.

A terceira e última categoria da expansão é a intensificação, que envolve uma relação de circunstância, ou melhor, refere-se à forma como uma oração estende o significado de outra em termos de dimensões, como tempo, lugar, modo, causa, condição ou assunto. As conjunções temporais mais comuns são: *then, next, afterwards, just then, at the same time, before that, soon, after a while, meanwhile, all that time, until then, up to that point*. Já as conjunções comparativas incluem *likewise, similarly, in a different way*, enquanto as causais são *so, then, therefore, consequently, hence, because of that, for, in consequence, as a result, on account of this, for that reason, for the purpose, with this in view*. Dentre as conjunções condicionais, temos: *in that case, otherwise, under the circumstances, if not*. Finalmente, as relações concessivas são expressas por *yet, still, though, despite this, however, even so, all the same, nevertheless*.

Serão analisadas, dentre as conjunções acima destacadas, as que acusam maior frequência no corpus: as paratáticas *so* (causal) e *then* (temporal), presentes nos exemplos a seguir:

27: (NW: 57)

But the major coffee players say they also try to help farm communities by purchasing part of their beans directly from farmers so they receive a fair price for their crop.

INTENSIFICAÇÃO – CAUSAL

28: (NW: 57)

They purchase coffee in bulk and then roast, blend and grind it into supermarket brands such as Nescafe, Folgers or Maxwell House.

INTENSIFICAÇÃO – TEMPORAL

Um outro tipo de relação lógico-semântica é a projeção, que ocorre quando a segunda oração é projetada pela primeira através de uma citação ou descrição acerca do que as pessoas dizem (locução) ou pensam (idéia). A projeção por locução é representada pelo processo dizer (*say*) com o uso de aspas duplas (“”), e a projeção por idéia é representada pelo processo pensar (*think*) com o uso de aspas individuais (‘). Já na projeção por relato é possível reportar algo representando-o como um significado, geralmente acompanhado por *that*, como mostram os exemplos abaixo:

29: (NW: 40)

“We live in a time when there really is a healthcare crisis,” said Cathy.
PROJEÇÃO – LOCUÇÃO

30: (SU: 54)

But I bet the studio executives in Hollywood thought <that> They’ve lost their minds in Brazil when they approved that one.
PROJEÇÃO – IDÉIA

31: (NW: 27)

He said that although the purpose of the structures was unclear, officials were concerned because North Korea has left open the possibility of another test.
PROJEÇÃO – RELATO

Apesar do processo verbal *said* constar da lista de palavras mais freqüentes do corpus (cf. Anexo 1), este não será analisado uma vez que a presente pesquisa privilegia a expansão dos grupos e orações presentes nos textos e não a projeção.

Isto posto, passaremos a discutir o que é necessário para que uma seqüência de orações, ou complexo oracional, possa constituir-se em um texto. Para tanto, deter-nos-emos na descrição de coesão textual fornecida por Halliday & Hasan (1976) e Halliday (1985, 1994, 2004).

1.1.2.2 Coesão Textual

Para que uma seqüência de orações, ou complexos oracionais, possa(m) constituir-se em um texto, Halliday (1994:308) sustenta que “é necessário fazer mais do que fornecer uma estrutura interna apropriada para cada oração. É preciso também tornar explícita a relação externa entre uma oração e outra”¹⁸. Mais adiante (p. 309), o autor acrescenta que tal explicitação “não pode ser realizada por meio de uma estrutura gramatical; ela depende de um recurso diferente, isto é, um recurso não-estrutural referido pelo termo Coesão”¹⁹.

A coesão é tratada pela metafunção textual, uma vez que os elementos que compõem tal metafunção são fundamentais para a organização e o desenvolvimento coesivo do texto. Nesse sentido, Halliday & Hasan (1976:02) afirmam que os elementos coesivos têm a função de imprimir o padrão de tessitura, isto é, a organização do texto, suas ligações com as partes do discurso.

Para Halliday & Hasan (1976:298), “o significado geral da coesão está agregado ao conceito de texto”²⁰. Os autores vêem o texto como uma unidade semântica, uma vez que engloba relações semânticas e não sintáticas ou estruturais. Nesse sentido, e para fins de produção de tessitura, se um trecho em inglês contiver, por exemplo, mais de uma frase, ele será compreendido como um texto com certas características lingüísticas que contribuem para a sua visão como unidade. Ainda em relação à tessitura, Halliday & Hasan (1976:02) definem-na como a propriedade que distingue um texto de um não-texto, isto é, o que mantém as orações de um texto unidas, dando-lhes unidade. Em outras palavras, Halliday & Hasan (1976:04) afirmam que a coesão ocorre no texto quando a interpretação de alguns elementos no discurso depende de outros, ou seja, que um pressupõe o

¹⁸ It is necessary to do more than give an appropriate internal structure to each. It is necessary also to make explicit the external relationship between one clause or clause complex and another.

¹⁹ This cannot be achieved by grammatical structure; it depends on a resource of a rather different kind. These non-structural resources for discourse are what are referred to by the term COHESION.

²⁰ The general meaning of cohesion is embodied in the concept of text.

outro na medida em que um não pode ser interpretado sem a ocorrência do outro. Dessa forma, a relação de coesão é estabelecida e os dois elementos – o que pressupõe e o pressuposto – são potencialmente integrados no texto.

Por outro lado, a tessitura de um texto envolve muito mais que a simples coesão; esta é componente importante, mas não único, para a construção do texto. À coesão, Halliday & Hasan (1976:324) acrescentam mais dois elementos responsáveis pela tessitura de um texto: as estruturais textuais (internas) que organizam a frase e seus constituintes em termos de relacionamento com o ambiente (estrutura temática); e a macroestrutura que define a frase como um texto de um determinado tipo (estrutura e foco da informação). Em termos gerais, Halliday (1985: 313) sintetiza a assertiva acima da seguinte forma:

(A) Estrutural:

1. Estrutura Temática: Tema e Rema
2. Estrutura e Foco da Informação: Dado e Novo

(B) Coesiva:

1. Conjunção
2. Referência
3. Elipse e Substituição
4. Coesão Lexical

A estrutura temática, da mesma forma que a estrutura coesiva, tem uma função importante na construção da coesão. Analisando a estrutura temática de um texto, oração a oração, pode-se perceber a natureza da tessitura bem como a preocupação do escritor com a organização da mensagem. O *tema* expressa a *informação dada*, já conhecida pelo leitor (ouvinte) ou recuperável a partir do contexto. O *rema*, por sua vez, expressa a *informação nova*, aquela que o leitor desconhece e que corresponde, efetivamente, ao conteúdo que o escritor pretende transmitir.

Na GSF encontramos vários trabalhos em língua portuguesa que se ocupam da estrutura temática. Dentre eles podemos citar Siqueira (2000), que estuda a estrutura temática em relatórios anuais de empresas brasileiras; Gouveia e Barbara (2001), que analisam o *tema* na língua portuguesa de Portugal e do Brasil; e Toledo-Pereira (2005), que analisa a estrutura temática no discurso de guias de turismo e monitores de museus no Brasil e na Espanha.

Em nossas pesquisas bibliográficas, encontramos poucos estudos voltados para a estrutura coesiva feitos no Brasil sob a perspectiva da GSF. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Alves-Silva (2004), que estuda a referência pronominal em espanhol e em português. Na literatura estrangeira, uma referência para os estudos de conjunção, especificamente em GSF, é o trabalho de Halliday & Martin (1981) que analisa a conjunção na língua Tagalo²¹, e de Martin (1983) sobre as relações lógicas das conjunções nos textos em inglês.

As estruturas temáticas e coesivas, entretanto, não são suficientes para a definição de um texto. Segundo Halliday & Hasan (1976:23), é preciso acrescentar o conceito de registro, uma vez que é este, aliado às estruturas, que efetivamente define o texto. Um texto é, portanto, “uma parte do discurso que é coerente²² sob dois aspectos: é coerente com respeito ao contexto de situação (registro), e é coerente com respeito a si próprio (coesivo)”²³. Podemos observar, na figura abaixo, como esses dois conceitos estão sobrepostos:

²¹ Tagalog é uma das línguas mais faladas na República das Filipinas.

²² Para Halliday & Hasan (1976:23) a coerência refere-se à maneira que um grupo de orações ou períodos se relacionam ao contexto de situação e de cultura.

²³ A text is a passage of discourse which is coherent in these two regards: it is coherent with respect to the context of situation and therefore consistent in register; and it is coherent with respect to itself, and therefore cohesive.

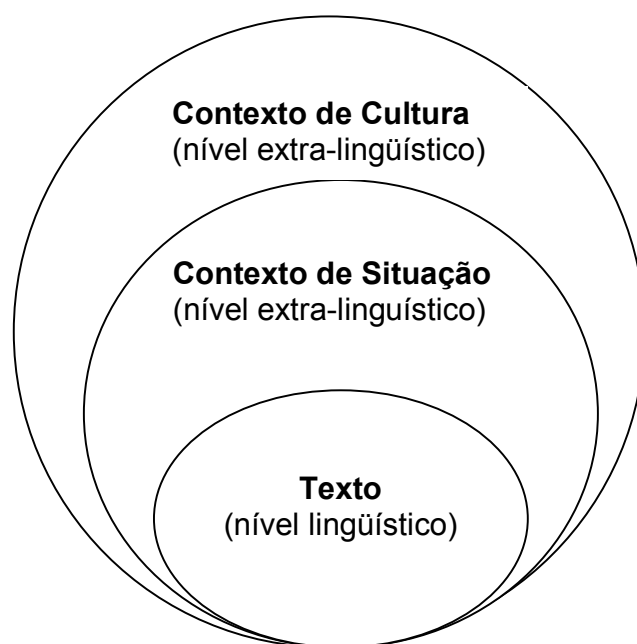


Figura 2: Texto e contexto (adaptado de Butt et al, 2000:04)

Em síntese, a coesão pode ser construída de quatro maneiras: por referência, por elipse/substituição, por coesão lexical e por conjunção. A coesão por referência vale-se de recursos para identificar um participante ou elemento circunstancial cuja identidade é recuperável; são eles os pronomes, os artigos definidos, os comparativos, os advérbios como *here*, *there*, *now* e *then*. A coesão por elipse utiliza-se de recursos para omitir uma oração, ou parte dela, em um contexto onde haja pressuposição de omissão oracional. Halliday (1994) trata elipse e substituição como um recurso único; pode-se mesmo dizer que a elipse é a substituição por zero. Já a coesão lexical é a repetição de itens lexicais, tais como sinônimos, co-colocação, etc. ao longo do texto. Finalmente, a coesão por conjunção refere-se ao processo de conexão de orações, ligando-as semanticamente.

As classificações estruturais estão baseadas na forma lingüística; logo, pertencem ao sistema léxico-gramatical. Halliday e Hasan (1976:304) classificam a referência, a substituição e a elipse como elementos gramaticais; a coesão

lexical, como o próprio nome já diz, remete ao léxico; e a conjunção situa-se no limite entre a gramática e o léxico. Os autores sustentam que, a partir dessa classificação estrutural, podemos reconhecer três tipos de relações no que tange à linguagem:

Natureza da relação coesiva	Tipos de coesão
Relacionado à forma	Substituição e elipse; colocação lexical
Relacionado à referência	Referência; reiteração lexical
Conexão semântica	Conjunção

Quadro 5: Natureza da relação coesiva (traduzido de Halliday & Hasan, 1976:304)

Halliday & Hasan (1976) apresentam uma classificação bastante simplificada das relações conjuntivas, dividindo-as, para tanto, em quatro categorias: aditivas, adversativas, causais e temporais. Os autores alegam que, embora essa classificação não elimine a complexidade dos fatos, um maior detalhamento seria mais complexo do que o necessário para compreensão e análise da coesão. O quadro abaixo compara as categorias conjuntivas propostas inicialmente por Halliday & Hasan (1976), posteriormente expandidas por Halliday (1985).

Halliday & Hasan (1976)	Halliday (1985)
Aditiva	Extensão (Adição: Positiva e Negativa)
Aditiva (Aposição)	Elaboração
Adversativa	Extensão (Adição: Adversativa)
Causal	Intensificação (Causa-Condiciona)
Temporal	Intensificação (Espaço-Temporal)

Quadro 6: Expansão teórica das relações conjuntivas

Como podemos observar, não há diferenças semânticas entre as duas teorias, somente uma expansão das categorias conjuntivas por parte de Halliday (1985). Com base na teoria de Halliday e Hasan (1976), o presente trabalho privilegia o estudo das conjunções externas e internas que não são discutidas em

Halliday (1985), porquanto foca no complexo oracional em relação ao restante da gramática, e não em relação à coesão e à estrutura do texto.

As conjunções externas têm função estrutural dentro do texto, ou seja, são empregadas para conectar orações; as conjunções internas têm função coesiva, sendo utilizadas para organizar o texto, isto é, para conectar os complexos oracionais uns aos outros. Eggins (1994:107) contribui para a elucidação das conjunções externas ao associá-las às relações lógicas entre orações (mundo real) ou à organização interna dos eventos no texto produzido pelo escritor (retórico). Vejamos, a seguir, exemplo de cada um desses tipos:

32: (NW: 24)

With the exception of Cunard's Queen Victoria, all of the brand new ships launching in 2007 are copies of ships already at sea -- **so** the buzz and excitement over anything new and daring could be as stale as yesterday's room service croissant.

CONJUNÇÃO EXTERNA

33: (SU: 20)

However, as the Pantanal is already suffering a lot, and under serious threat, and very little is known about the whole ecosystem, research is always welcome. **Therefore**, conservation NGOs, together with the Brazilian Government, have developed a plan of action called "conservation corridors," in order to save larger, strategic areas from devastation.

CONJUNÇÃO INTERNA

Existem conjunções, no entanto, que podem realizar-se tanto externa quanto internamente. Martin (1992:179) argumenta nessa direção ao sustentar que a conjunção externa, embora com função estrutural, é coesiva quando, ao iniciar uma oração, conecta-a com a anterior devido à existência de uma relação lógico-semântica entre elas. Por outro lado, quando a conjunção externa ocorre entre orações, funcionando como um conectivo paratático ou hipotático, sua função é basicamente estrutural, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

34: (SU: 16)

The Viking army made a surprise attack on York **and** seized the town.

CONJUNÇÃO EXTERNA – PARATÁTICA

35: (SU: 41)

They arrested several people and confiscated 10 bombs and weapons. And on the last day there was a rape attempt within the camping area;
CONJUNÇÃO INTERNA – COESIVA

De acordo com Eggins (1994:100), a conjunção e a referência são os principais recursos coesivos em um texto. No que tange à referência, esta diz respeito à forma como o escritor introduz os participantes²⁴ e os mantém em contato uns com os outros, ao longo do texto. As escolhas referenciais estão relacionadas à dimensão do contexto; em outras palavras, os tipos de referência variam de acordo com o modo de construção do texto.

Halliday & Hasan (1976:31) dividem as referências em duas categorias: (1) as que se relacionam a itens fora do texto (situacionais); (2) aquelas encontradas dentro do texto (textuais). A primeira categoria é vista pelos autores como referências exofóricas e a segunda como referências endofóricas. No caso da referência endofórica, ela pode ser anafórica – quando o referente precede o item coesivo, ou catafórica – quando o referente vem depois do item coesivo, como mostra a figura abaixo:

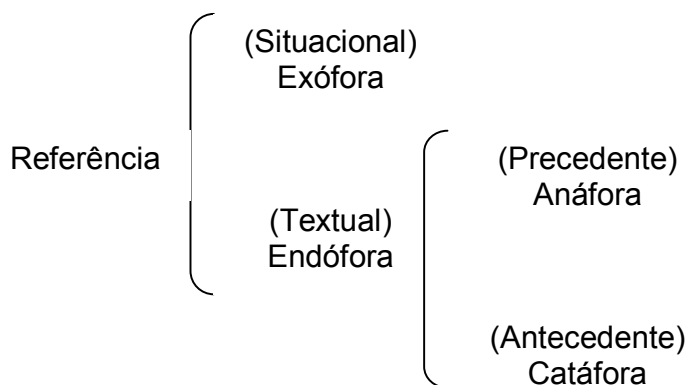


Figura 3: Sistema de referência (traduzido e adaptado de Halliday & Hasan, 1976:33)

A referência pode ser usada para apresentar um participante (pessoa ou

²⁴ De acordo com Eggins (1994:95), participantes são as pessoas, lugares e coisas discutidos no texto.

coisa), por meio dos artigos indefinidos *a* e *an*, como mostra o exemplo a seguir:

36: (SU: 37)

Just as I started up the parched and rocky mountain slope, **a** man stepped out of some shrubs.

APRESENTANDO O PARTICIPANTE

Também através da referência é possível pressupor o participante que virá em seguida, por meio do artigo definido *the*, de pronomes pessoais ou de pronomes demonstrativos, como mostra o exemplo abaixo:

37: (NW: 61)

Sen. John Edwards inherited the role of Late Challenger, but it was too late, and **he** had no staying power, and **he** was out by the close of business on Super Tuesday.

PRESSUMINDO O PARTICIPANTE

Os dois tipos de referência acima apontados estão relacionados a um participante identificado dentro do texto, ao contrário do que ocorre no exemplo 38, a seguir, em que as referências abrangem todo o texto, sendo por isso denominadas referências textuais:

38: (NW: 43)

The first class concierge comes on board and takes a few VIP passengers off with their bags. **This** usually means they are taking them to a different flight that will get them to their destination a lot faster. **This** may seem unfair, but VIPs are the airline's bread and butter.

REFERÊNCIA TEXTUAL

Quando a referência está implícita na oração, ela é considerada uma elipse. Martin & Rose (2003:167) comentam que, em inglês, tal recurso é mais utilizado dentro da oração do que entre orações. Vejamos um exemplo desse tipo de referência:

39: (SU: 45)

Once upon a time a young Englishwoman went up a tree as a princess and $\emptyset$ came down a queen.

REFERÊNCIA POR ELIPSE

Dentre os tipos de coesão textual representados por Halliday & Hasan (1976) e descritos nesta seção, além da categoria de referência pronominal valer-nos-emos das categorias de conjunção interna e externa para a análise dos dados.

É nesse sentido que os textos das revistas *Newsweek* e *Speak up* serão analisados, em termos de complexidade, quanto às estruturas dos grupos e complexos oracionais.

Encerramos aqui a exposição da fundamentação teórica utilizada no desenvolvimento deste estudo. O próximo capítulo apresentará a abordagem metodológica adotada na pesquisa.

Capítulo 2: Abordagem Metodológica

Este capítulo tem dois objetivos principais: primeiramente, descrever o corpus de estudo sob três aspectos: (i) o contexto de situação das revistas que compõem o corpus, de forma a esclarecer o universo da pesquisa; (ii) o detalhamento dos dados da pesquisa, e (iii) os procedimentos de coleta e organização dos dados; por último, descrever os procedimentos utilizados na análise quantitativa dos dados, através do conjunto de ferramentas computacionais Wordsmith Tools (Scott, 1999).

2.1 Contexto de situação das revistas

As revistas *Speak up* e *Newsweek* foram escolhidas como corpus de estudo por sua utilização em sala de aula para atividades de leitura.

Para a contextualização das revistas, usaremos as variáveis de registro que, segundo Halliday (1989:12), quando relacionadas ao contexto social de um texto, permitem a sua interpretação fornecendo, assim, os meios para agir e refletir naquele ambiente. Tais variáveis são descritas pelo autor da seguinte forma:

- **(a) campo:** refere-se ao conteúdo do texto, ao tópico discutido;
- **(b) relações:** têm a ver com a relação entre os participantes da interação (escritor/leitor, falante/ouvinte);
- **(c) modo:** refere-se ao tipo de texto e à organização textual (canal gráfico ou fônico, texto oral ou escrito).

Para esclarecermos o contexto de situação das revistas, valemo-nos de

informações técnicas destinadas ao grande público que constam do endereço eletrônico da editora da *Speak up*²⁵ e do site de assinaturas de revistas nacionais e internacionais²⁶, além do endereço eletrônico da editora da *Newsweek*²⁷.

O contexto de situação das duas publicações é descrito a seguir:

Campo: ambas as revistas contêm assuntos variados como Ciência, Tecnologia, Economia, Negócios, Educação, Esportes, Entretenimento, Meio Ambiente, Política, Saúde, Personalidade e Viagens. Todos os textos abordados pela *Speak up* são acompanhados de glossários e subtítulos em português, para facilitar a compreensão escrita. Além disso, na versão impressa a revista é dividida em níveis de complexidade do idioma (básico, intermediário e avançado)²⁸. Com proposta editorial diferente, a *Newsweek* não faz uso dos mesmos recursos.

Relações: as relações entre escritor/leitor são distintas nas duas revistas. De acordo com a editora da *Speak up*, os leitores fiéis – dos quais 1/3 (um terço) são assinantes há mais de cinco anos – compõem-se, em sua grande maioria, de brasileiros, de professores e estudantes do curso de Letras/Inglês e de executivos de multinacionais, além de assinantes pertencentes a ramos diversificados de atividades mais globalizadas. Do total de leitores, 71% são do sexo masculino; 50% pertencem à classe social B, 38% à classe A e 13% à C; quanto à faixa etária, 50% situam-se entre 18 e 29 anos, 12% entre 30 e 39 anos e 12% entre 40 e 44 anos; finalmente, 93% dos leitores lêem, compreendem e falam inglês como língua estrangeira.

Por outro lado, os leitores da *Newsweek* são nativos interessados em

²⁵ Fonte: site da editora da revista *Speak up*: http://edpeixes.ig.com.br/publicidade/revista_speakup.shtml. (acesso digital em 20/1/)

²⁶ Fonte: site de assinaturas de revistas: www.asineshop.com.br/speakup (acesso digital em 20/1/2008).

²⁷ Fonte: site da revista *Newsweek*: www.newsweek.com.br/MK2006 (acesso digital em 20/1/2008).

²⁸ Fonte: Revista *Speak up* (edição 248 – datada de janeiro 2008).

notícias a respeito dos acontecimentos ao redor do mundo. Em relação ao leitor brasileiro da revista americana, 75% ocupam altos cargos como sócios ou proprietários de empresas; 91% têm curso superior completo e 41% têm mestrado ou doutorado; 92% utilizam o idioma no trabalho; 62% são homens; 65% têm idades entre 26 e 54 anos; 61% gastam mais de 1 hora na leitura da revista e 74% a lêem em casa. Não nos foi possível obter informações a respeito da classe social dos leitores da *Newsweek*.

Também não foram encontrados dados sobre formação acadêmica e nacionalidade dos escritores das duas revistas. O que pudemos observar é que ambas são assinadas por autores de diferentes nacionalidades.

Modo: é importante levar em consideração as diferenças de linguagem entre as revistas, já que o objetivo editorial da *Newsweek* é informativo, ou seja, de caráter jornalístico (autêntico), enquanto o da *Speak up* é didático (não-autêntico).

Vale ressaltar que entendemos textos autênticos, segundo Nunan (1999:27), como “amostras da língua falada ou escrita que não tenham sido especificamente escritas com o propósito de ensino”. Embora afirme que “textos não-autênticos não deveriam ser banidos da sala de aula”, Nunan defende que “os alunos deveriam ser expostos ao máximo a textos autênticos, porque, no fim das contas, se eles só encontrarem diálogos inventados e textos gravados especialmente para eles, sua aprendizagem será mais difícil”²⁹.

Sendo a *Speak up* uma revista com fins didáticos, pois contém glossário, artigos classificados em níveis (básico, intermediário, avançado) e textos gravados, específicos para brasileiros aprendizes de inglês, pode ser classificada,

²⁹ Authentic data are samples of spoken and written language that have not been specifically written for the purposes of teaching language... Nor would I argue that nonauthentic data should be banned from the classroom. However, I would argue that learners should be fed as rich a diet of authentic data as possible, because, ultimately, if they only encounter contrived dialogues and listening texts, their task will be made more difficult.

sob a visão de Nunan, como não-autêntica.

Tal classificação pode ser confirmada no site da revista, no link “Assine *Speak up*”, onde a editora declara:

“*Speak up* permite ao leitor manter e aperfeiçoar o domínio da língua inglesa, enquanto o informa sobre cultura, entretenimento e turismo do Brasil e do mundo. Você lê as reportagens e escuta, quantas vezes quiser no CD multimídia que acompanha cada edição, as gravações – ao vivo – das entrevistas com gente famosa, além de jogos interativos, músicas e muito mais”.

O objetivo desta pesquisa, entretanto, não é discutir a questão da autenticidade dos textos, tampouco tecer críticas à revista brasileira *Speak up*. Propomo-nos a comparar os textos das duas revistas a fim de verificar como se caracterizam os grupos (verbal e nominal) e os complexos oracionais (conjunção e referência pronominal) nessas publicações. Para tanto, analisaremos os elementos gramaticais em inglês.

2.2 Dados da Pesquisa

Em nossa prática, utilizávamos textos das revistas *Speak up* e *Newsweek*, regularmente, nas aulas de leitura. No decorrer do processo de aprendizagem, observamos que os alunos tinham mais facilidade em compreender textos da *Speak up*, ao mesmo tempo que apresentavam dificuldades de compreensão quanto aos textos da *Newsweek*. Em vista disso, decidimos selecionar textos das duas publicações para fins de análise.

Um dos critérios adotados na seleção dos dados foi, primeiramente, a escolha dos assuntos abordados nos textos. Selecionamos textos da *Speak up* com assuntos similares na *Newsweek*, visando obter pares; conseqüentemente, os textos que compõem o corpus de estudo correspondem a artigos que tratam de assuntos tanto nacionais quanto internacionais. Outro critério adotado relacionava-

se ao tamanho dos sub-corpora (aproximadamente 57.000 mil palavras em cada revista), cujos totais de palavras deveriam ser equivalentes, viabilizando, assim, a quantificação e comparação dos dados. Finalmente, as amostras coletadas deveriam datar do mesmo período – neste caso, de 2002 a 2007.

Foram selecionados artigos, disponíveis on-line, da versão americana do site da *Newsweek*. Os textos foram retirados dos links *Technology*, *Science*, *Entertainment*, *Travel*, *Politics*, *Business*, *Sports*, *Health*, *World News*, *U.S News*, *Nightly News* e *Local News (Top Stories)*, que disponibilizam notícias atuais com assuntos sobre vários países.

No que tange aos artigos da *Speak up*, estes foram extraídos do site da revista brasileira no link *Stories (American and British)*, que contém textos sobre cultura, política, sociedade, línguas, etc. de alguns países, principalmente daqueles em que se fala a língua inglesa. Não foram considerados artigos adquiridos de editoras internacionais como *The Guardian*, *Planet Syndication*, *Sunday Times*, entre outras, cujos textos são identificados, no final do artigo, pelos nomes do escritor e da editora. O texto *England*, por exemplo, publicado on-line pela revista *Speak up*, encerra-se com: *Mike O'Sullivan / Planet Syndication*. A partir desses dados, foi possível detectar os artigos comprados para então excluí-los dos dados a serem analisados. Além disso, foram excluídos textos como entrevistas, anúncios, carta do leitor, etc.

2.3 Procedimentos de coleta e organização dos dados

A coleta dos dados teve o seguinte procedimento: primeiramente, foram selecionados 57 artigos de cada revista (*Speak up* e *Newsweek*), disponíveis para leitura on-line, no período de 2002 a 2007. Como os textos da *Speak up* são mais longos, ou seja, contêm um número de palavras superior aos da *Newsweek*, foram selecionados mais 5 (cinco) artigos da revista americana de modo a igualar o

número total de palavras oriundas da revista brasileira (aproximadamente 57.000 mil palavras), atendendo-se a um dos critérios estabelecidos para a seleção dos dados.

Desse modo, os dados utilizados na pesquisa compõem-se de (a) 57 artigos da *Speak up*, totalizando 57.189 palavras, e (b) 62 artigos da *Newsweek*, em um total de 57.465 palavras, o que corresponde a um corpus de estudo com 119 artigos. Estes números podem ser melhor visualizados no quadro abaixo:

Estatística	Speak up	Newsweek
Nº de textos	57	62
Nº de palavras	57.189	57.465
Nº de palavras diferentes	9.109	9.087
Nº de períodos	3.128	2.762

Quadro 7: Estatística do corpus de estudo

Para atender a um outro critério de seleção de dados, buscamos formar pares de textos, por assunto. Tendo em vista que a *Speak up* é uma revista mensal, os assuntos abordados são produzidos para prazos mais longos, ao contrário da *Newsweek*, que tem edição semanal. Sendo assim, assuntos mais genéricos como Educação, Viagens e Entretenimento são mais contemplados pela *Speak up*, enquanto assuntos relacionados a atualidades como Esportes, Tecnologia, Ciência e Política são mais freqüentes na revista *Newsweek*, conforme mostra o quadro abaixo:

Assuntos	Nº de Textos Speak up	Nº de Textos Newsweek
Education	11	01
Sports	- - -	04
Technology / Science	01	09
Politics	05	17
Health	03	06
Business / Economy	02	04
Personality	02	01
Travel	19	10
Entertainment	10	06
Environment	04	04
Total	57	62

Quadro 8: Assuntos selecionados para análise

Finalizada a seleção do corpus de estudo, os textos foram armazenados na versão de texto simples (txt) em computador e nomeados de acordo com os seguintes critérios: cada texto recebeu abreviatura da sua revista de origem (SU ou NW), seguida de um número aleatório e seqüencial dentro das escalas SU:1 a SU:57 e NW:01 a NW:62, conforme o caso. Essas abreviaturas serão adotadas durante toda a análise dos dados, tanto para identificar exemplos quanto para prevenir redundâncias.

Além disso, no processo de armazenamento dos textos da *Speak up* foram retirados os números dos glossários e os indicadores de vocabulários novos ou difíceis, evitando-se, assim, possíveis alterações ou distorções na análise quantitativa dos dados a ser feita através do programa Wordsmith Tools. Foram também excluídas figuras, estatísticas, fotos e outros elementos multimodais, uma vez que tais elementos não fazem parte do objetivo da presente pesquisa.

2.4 Procedimentos de análise dos dados

A Lingüística de Corpus (doravante LC) servirá de embasamento para a abordagem metodológica deste estudo. Essa escolha deve-se, primeiramente, às ferramentas de análise por ela disponibilizadas, que possibilitam o trabalho com grandes quantidades de textos em prazos relativamente curtos. Nesse sentido, o Wordsmith Tools (Scott, 1999), programa a ser utilizado neste trabalho, permite que grande quantidade de dados seja manipulada rápida e eficientemente, apresentando, portanto, resultados que de outra forma demandariam vários meses de pesquisa. Em segundo lugar, como exposto por Biber (1999:01), a opção pela LC deve-se, também, ao seu interesse pela exploração da linguagem por meio de exemplos reais de comunicação, o que dá ao estudo da linguagem um caráter empírico.

O conjunto de ferramentas computacionais Wordsmith Tools (Scott, 1999)

tem sido bastante utilizado pelos pesquisadores da linguagem com o uso do computador (Bressane, 2000; Lima-Lopes, 2001; Sobhie, 2003; Alves-Silva, 2004). O Wordsmith Tools, instrumento de análise quantitativa dos dados coletados para esta pesquisa, permite gerar rapidamente, a partir de um texto selecionado, listas de palavras (*Wordlist*), listas de concordâncias (*Concord*) e listas de palavras-chave (*KeyWords*), viabilizando, por exemplo, a observação de determinada ocorrência léxico-gramatical em seu contexto real e sua organização textual. Vejamos como funciona cada uma dessas ferramentas:

Lista de Palavras (*Wordlist*): possibilita listar todas as palavras presentes no corpus, por ordem alfabética ou por frequência de ocorrências, além de fornecer estatísticas com o total de palavras corridas (*tokens*), total de palavras diferentes (*types*), número de períodos, etc. Um outro recurso disponível é a lista detalhada de palavras (*detailed consistency*), com a qual é possível comparar as listas de palavras mais frequentes em dois sub-corpora, uma ao lado da outra e em ordem de frequência.

Listas de Concordâncias (*Concord*): permite pesquisar a colocação de uma determinada palavra em segmentos de texto em forma de concordâncias. A palavra pode ser trabalhada tanto dentro do seu contexto quanto inserida no texto completo, se necessário. O programa busca, em todos os arquivos de textos armazenados, as palavras que aparecem ao redor da palavra selecionada, em um horizonte de cinco palavras à esquerda e cinco à direita, no máximo.

Listas de Palavras-Chave (*Keywords*): permite o confronto com um corpus maior (corpus de referência) e a extração de uma lista de palavras-chave; as palavras-chave são palavras que aparecem em um texto com frequência incomum em comparação à frequência com que ocorrem em um corpus de referência. Esta lista, portanto, é formada pela comparação da lista de palavras obtida pela *Wordlist* com a lista de palavras do corpus de referência.

Das três listagens acima especificadas, serão utilizadas duas na análise quantitativa dos dados desta pesquisa, por meio do programa Wordsmith Tools 4.0: a Lista Detalhada de Palavras (ferramenta disponível na *Worlist*) e a Lista de Concordâncias (*Concord*).

Vejamos a seguir como essas ferramentas foram utilizadas na análise dos dados:

Em primeiro lugar, foi elaborada e analisada uma lista detalhada de palavras com as 100 primeiras palavras mais freqüentes (Anexo 1), contendo elementos lexicais e gramaticais. Dentre esses elementos, fixamo-nos inicialmente na análise das conjunções. Percebemos, durante o processo, a presença da complexidade textual nas orações, tanto externa quanto internamente. A partir daí, optamos por limitar este estudo a dois tipos de estrutura do texto: (1) palavras gramaticais internas às orações: grupos verbais e nominais; e (2) palavras gramaticais externas às orações: conjunções e pronomes. O quadro a seguir inclui tanto conjunções e pronomes (elementos externos) quanto verbos (elementos internos):

Posição na lista	Elemento Gramatical	Freq. no Corpus	Nº de textos	Freq. Newsweek	Freq. Speak up
3	AND	3051	119	1395	1656
8	IS	1109	115	454	655
9	THAT	1128	114	637	491
13	I	452	64	103	349
15	IT	716	111	380	336
16	WAS	632	104	315	317
17	BUT	559	115	261	298
19	ARE	541	104	259	282
20	HE	553	91	279	274
22	THIS	398	105	151	247
23	THEY	460	100	230	230
25	HAS	410	100	208	202
26	BE	460	99	264	196
28	HAVE	420	105	230	190
29	YOU	337	76	147	190
30	THEIR	378	89	194	184
31	HIS	343	80	167	176
32	WE	290	72	131	159
34	SO	240	82	84	156
39	MY	158	33	27	131
44	WERE	274	87	153	121
45	SHE	239	39	121	118
47	WHEN	216	81	103	113
48	WHICH	225	94	112	113
49	WHO	292	88	181	111
52	HER	240	36	136	104
57	HAD	228	73	131	97
62	WHERE	156	63	62	94
64	THEM	162	65	71	91
69	ITS	228	75	142	86
70	ME	97	24	13	84
72	BEEN	194	82	111	83
82	THEN	109	57	37	72
85	US	99	43	30	69
89	OUR	103	54	40	63

Quadro 9: Ocorrência dos elementos gramaticais seleccionados para análise (Wordsmith Tools 4.0)

Para a análise dos grupos nominais (elementos internos às orações), recorreremos aos elementos gramaticais à direita do nóculo *is*, processo amplamente utilizado para descrever e qualificar pessoas e coisas, como atestam as listas de concordâncias (*Concordance*) representadas no excerto abaixo:

Lista de Concordância (Speak up)	
1	s banking and corporate activity, as well as the country's busiest airport, and <u>is a city of</u>
2	reference for neighboring African nations. If Cape Town resembles
3	"best city in Africa" last October by Condé Nast Traveler's readers, Cape Town <u>is a city that</u>
4	<u>was born with a vocation to be peculiar</u> . A port, a place where yo
5	d. Further on he asks, "Like in the movies?" I could explain to Raúl that Jason <u>is a common</u>
6	<u>name in my country</u> . Or that the most famous Jason was a Greek hero w
7	4 isours, sycers and other forms before ending up where it is today. The result <u>is a complicated</u>
8	<u>system in which the same letter can have different sounds</u> , whil
9	5 ANC (with the new elections last April, that status changed). South Africa <u>is a country difficult to</u>
10	<u>unify but, paradoxically, Cape Town is probably the pl</u>

Figura 4: Grupos nominais à direita do processo *is* (Wordsmith Tools 4.0)

A partir dessa seleção, foram elaboradas as perguntas de pesquisa:

- Como se caracteriza o grupo verbal nos artigos das revistas *Speak up* e *Newsweek*?
- Como se caracteriza o grupo nominal nos artigos das revistas *Speak up* e *Newsweek*?
- Como se caracteriza a relação entre as orações nos artigos das revistas *Speak up* e *Newsweek*?

Cabe esclarecer que, dentre os 100 primeiros elementos da lista detalhada de palavras, foram eliminados aqueles sem conteúdo textual ou que não se encaixavam em nenhuma das classes gramaticais acima citadas (conjunções, pronomes e verbos).

Dada a limitação de tempo para a realização desta pesquisa, foram excluídos outros elementos gramaticais – tais como verbos modais (*can*, *will*, *would*), auxiliares (*do*) e processos (*like*, *see*, *said*), além das conjunções *as*, *if*, *after* e do pronome relativo *what* – devido à não-relevância para os objetivos deste estudo e que podem ser estudados futuramente.

Após a seleção dos itens gramaticais conforme os critérios acima especificados (quadro 9), foram providenciadas as listas de concordâncias (*Concordance*) relativas a cada um dos elementos selecionados, com as

respectivas quantificações, de forma a viabilizar a análise de todos os contextos em que esses itens aparecem. Entretanto, devido à peculiaridade de alguns elementos que podem apresentar mais de uma função em decorrência do contexto onde estão inseridos, foi necessário submeter as listas de concordância a análises pormenorizadas, para fins de classificação.

A análise pormenorizada mostra-se pertinente para ambos os níveis de estrutura do texto – abaixo e acima da oração. Nos grupos verbais, por exemplo, esse tipo de análise visa identificar se os elementos, e respectivas formas flexionadas, estão funcionando como processo ou como auxiliar; nos grupos nominais, essa análise busca detectar a presença de mais de um significado nos itens constantes das listas geradas pelo Wordsmith. Procedimento similar é aplicado aos elementos externos às orações (conjunções e referências pronominais), que podem aparecer com funções distintas de acordo com os respectivos contextos.

No que diz respeito às conjunções *and* e *that*, entretanto, foi adotado procedimento diferenciado para fins de análise, devido ao elevado número de ocorrências dessas conjunções no corpus de estudo: 3 (três) mil ocorrências de *and* e 1 (um) mil ocorrências de *that*. Em vista disso, e considerando que a análise pormenorizada do total de 4 (quatro) mil ocorrências demandaria um longo período de tempo, optamos por limitar os quantitativos a serem selecionados e estudados a 25% (vinte e cinco por cento) do total de ocorrências em cada revista, que foram então submetidos ao concordanciador (*concord*) do programa computacional Wordsmith Tools. Para que a escolha dessa amostra tivesse caráter aleatório, foram considerados os elementos posicionados em um horizonte entre 5 colocados à direita e 5 à esquerda na lista de concordâncias, tendo como núdulos as duas conjunções supracitadas.

Passaremos, a seguir, à análise dos dados e à discussão dos resultados obtidos.

Capítulo 3: Análise dos Dados e Discussão dos Resultados

Este capítulo traz a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos com base nos procedimentos metodológicos adotados para responder às questões de pesquisa que norteiam o presente trabalho, visando investigar, em artigos coletados nas revistas *Speak up* e *Newsweek*:

- 1) como se caracteriza o grupo verbal?
- 2) como se caracteriza o grupo nominal?
- 3) como se caracteriza a relação entre as orações?

Para tanto, a análise será desenvolvida em duas etapas. Primeiramente, analisaremos a estrutura abaixo da oração (*below the clause*), isto é, com enfoque (i) no grupo verbal, analisando os verbos mais freqüentes no corpus de estudo (*be* e suas formas flexionadas *is, are, was, were, been*; e *have* e suas formas flexionadas *has, had*) e em seguida (ii) no grupo nominal, estudando aos elementos gramaticais à direita do nódulo *be*, com o propósito de verificar como se realiza um grupo complexo. Em segundo lugar, será analisada a estrutura acima da oração (*above the clause*), por meio do estudo das conjunções mais freqüentes no corpus, ou seja, as (i) coordenadas – *and, but, so, then* e as (ii) subordinadas – *that, which, who, when, where*, bem como das referências pronominais mais freqüentes, a fim de investigar a expansão da oração ao configurar-se em oração complexa.

3.1 Abaixo da oração

3.1.1 Grupo Verbal

Conforme explicitado na Fundamentação Teórica (seção 1.1.1.1), o grupo verbal, em termos de estrutura lógica, compreende o sistema de ‘tempo verbal’ (*system of tense*), que se divide em: primário (passado, presente e futuro simples) e secundário (perfectivo, progressivo, futuro com *going to*, além do passivo – que Halliday (2004:338-339) considera como um tempo secundário extra).

Nesta pesquisa serão analisados os verbos mais freqüentes no corpus de estudo (*be* e *have* e suas formas flexionadas), com o propósito de identificar como são construídos os grupos verbais em SU e NW.

3.1.1.1 *Be*

O verbo *be* e suas formas flexionadas – *is, was, are, were, been, be* – é o mais freqüente no corpus de estudo, funcionando ora como processo relacional, ora como auxiliar. Como pode ser observado na tabela abaixo, em SU o verbo *be* ocorre 0,18 pontos percentuais a mais do que em NW.

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Is	454	655	0,79	1,15	0,36
Be	264	196	0,46	0,34	0,12
Were	153	121	0,27	0,21	0,06
Been	111	83	0,19	0,15	0,04
Are	259	282	0,45	0,49	0,04
Was	315	317	0,55	0,55	- - -
Total	1.556	1.654	2,71	2,89	0,18

Tabela 1: Ocorrência de *be* e suas formas flexionadas

A utilização de *be* como processo, em termos quantitativos, é detalhada na tabela 2 a seguir, que aponta para uma significativa diferença entre as duas

revistas. Podemos usar como exemplo a forma flexionada *is*: nas 655 ocorrências (equivalentes a 1,15% do total geral – tabela 1) em SU, este elemento aparece 501 vezes (0,89%) como processo relacional. Enquanto que nas 454 ocorrências (0,79%) de *is* em NW, somente 196 são processos (0,34%); uma diferença, portanto, de 0,55 pontos percentuais a mais de *is* como processo na revista brasileira, conforme demonstrado na tabela a seguir:

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Is	196	501	0,34	0,89	0,55
Are	125	164	0,21	0,29	0,08
Be	137	105	0,24	0,18	0,06
Was	182	198	0,31	0,34	0,03
Been	38	34	0,07	0,06	0,01
Were	68	66	0,12	0,12	- - -
Total	746	1068	1,29	1,88	0,59

Tabela 2: Ocorrência de *be* como processo

Considerando os dados quantitativos da tabela 2, vemos que SU descreve pessoas e coisas através do processo *be* com maior frequência, quando comparada a NW. Segundo Martin & Rose (2003:76-77), esse tipo de descrição é uma das características de gêneros como histórias, onde o processo *be* é usado para descrever, classificar e qualificar personagens. Vejamos alguns exemplos de *be* como processo nas revistas:

1: (NW: 05)	Toronto is a chameleon of a city, the darling of the entertainment industry for its ability to look like, well, almost any large urban center in North America.
2: (NW: 24)	Cruise Critic, which launched in 1995, is a comprehensive cruise vacation planning guide providing objective cruise ship reviews, cruise line profiles, destination content on 125+ worldwide ports, cruise bargains, tips, industry news, and cruise message boards.
3: (NW: 32)	She is an ardent defender of abortion rights—differing with members of her conservative Roman Catholic family over the subject.

4: (SU: 26)	Lima is a vast, polluted, overpopulated place.
5: (SU: 57)	Flint is a scary character in the children's classic, Treasure Island.
6: (SU: 40)	She is a tough and talented business woman.

Nos exemplos acima, é possível perceber que o processo em si não acrescenta complexidade lógica à estrutura da oração, pois é um tempo verbal simples. Entretanto, ao observarmos como as orações se desdobram após o processo *is*, poderemos identificar uma série de modificadores do grupo nominal levando-nos a qualificar tais orações, de acordo com Halliday (1994:56-57), como lexicalmente densas. Esse fenômeno será tratado a seguir, quando da análise do grupo nominal (seção 3.1.2).

Passando agora ao uso de *be* como auxiliar, realizando a passiva e os tempos progressivo e futuro com *going to*, NW apresenta uma ocorrência de 0,12 pontos percentuais acima de SU, como mostra a tabela 3:

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Were	69	41	0,12	0,07	0,05
Been ³⁰	73	49	0,13	0,09	0,04
Be	111	84	0,19	0,15	0,04
Is	106	113	0,18	0,20	0,02
Are	103	99	0,18	0,17	0,01
Was	93	90	0,16	0,16	- - -
Total	555	476	0,96	0,84	0,12

Tabela 3: Ocorrência de *be* como auxiliar

Com base na tabela 3, ao somarmos as ocorrências de *be* e suas formas flexionadas na função de auxiliares, em NW encontramos 555 ocorrências, sendo 347 de passiva, 195 de progressiva e 13 de *going to*, enquanto SU apresenta 476 ocorrências, com 306 passivas, 165 progressivas e 5 *going to*. Os exemplos a seguir mostram como as duas revistas desenvolvem o grupo verbal com o auxiliar *were* na passiva:

7: (NW: 58)	Some former members say they too were made to believe that leaving Midtown would doom their recovery.
8: (NW: 01)	Resorts in Kona were being asked to keep people close to hotels...

³⁰ No que diz respeito ao auxiliar *been*, este será discutido em maiores detalhes no item 3.1.1.2, uma vez que o seu uso acontece, obrigatoriamente, em conjunto com o auxiliar *have*.

9: (NW: 33)	Top executives at Royal Dutch Shell, too, had few illusions about why they were recently ordered to stop work on their \$22 billion Sakhalin-2 exploration project.
10: (SU: 20)	Conservation, restoration, and the building of new facilities were helped by the arrival of electricity, the result of a collective effort of the Pantaneiro people.
11 (SU: 57)	Fantastic Beasts and Where to Find Them by Newt Scamander and Quidditch Through the Ages by Kennilworthy WhISp were written by J. K. Rowling to raise money for the charity Comic Relief.
12: (SU: 06)	Flying into Sudan once, she tells the audience, her bags were searched by customs.

Os tempos verbais acima (7 a 12) mostram-se mais complexos, em termos de estrutura lógica, quando comparados aos dos exemplos 1 a 6 já analisados, visto que estes contêm apenas um núcleo verbal (*is*), enquanto aqueles incluem – além do auxiliar *were* – alguns modificadores decorrentes do tempo verbal complexo (passiva).

A análise dos exemplos 7 a 9 revela um grupo verbal mais complexo do que em 10 a 12, por duas razões: (i) pelo uso de processos transitivos (*made to believe, asked to keep e ordered to stop*), estendendo assim o grupo verbal por meio de outros modificadores; e (ii) pelo uso de mais um modificador (advérbio – *recently ordered to stop*), em contraste com os exemplos 10 a 12, limitado a uma única modificação por grupo verbal em tempo passivo (*helped, written e searched*). Vejamos agora outros exemplos de *be* funcionando como auxiliar:

13: (NW: 32)

Time that **could be spent memorizing** the names and faces of the 200 people she's about to meet, or **squeezing** donors for last minute contributions that will enable Pelosi to reach her ultimate goal: winning the 15 seats Democrats need to take control of the House.

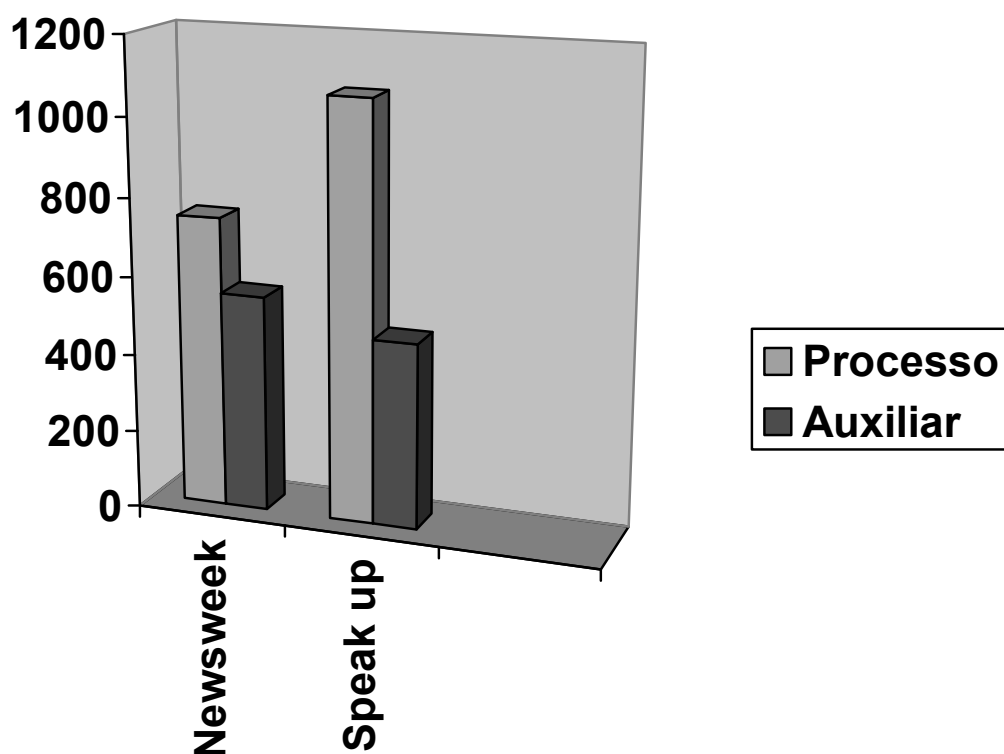
14: (SU: 22)

You probably **will be led to visit** a house or a shack and **talk** to the owner, **drink** at a shebeen, **take** part in a traditional lunch, **visit** community projects, a crèche or a school, and **see** handicrafts made by local people, **listen** to their music and **follow** their dances.

Tanto em 13 como em 14 encontramos grupos verbais complexos (tempo secundário), constituídos pelos modais *could* e *will*, mais o auxiliar *be* da passiva, mais processos na forma nominal (-ed) *spent* e *led*. A complexidade, no entanto, destaca-se principalmente nas relações entre orações, uma vez que o período em 13 possui 3 (três) restritivas (*memorizing, squeezing e winning*) seguidas de outras 3 restritivas longas (*she's about to meet; that will enable Pelosi to reach her ultimate goal; Democrats need to take control of the House*), gerando, assim, um período complexo. Enquanto em 14 temos somente 1 (uma) oração restritiva (*to visit*) e 7 (sete) coordenadas aditivas com *and* (formadas por três conjunções explícitas e quatro implícitas), caracterizando a sequência lógica, cronológica, de uma história.

Em suma, SU faz uso do verbo *be*, como processo, com maior frequência do que NW (0,59 pontos percentuais a mais), ao passo que NW utiliza-se do verbo *be*, como auxiliar, em níveis mais elevados que SU (0,12 pontos percentuais a mais). Se considerarmos como grupo verbal complexo aquele construído por meio de tempos verbais secundários (progressiva, passiva e futuro com *going to*)³¹, é possível afirmar que a revista americana constrói grupos verbais com *be* mais complexos do que a revista brasileira, como mostra o gráfico a seguir:

³¹ Além do tempo perfectivo, que será discutido na seção 3.1.1.2 a seguir.

Figura 5: Tipos de *be* no corpus

3.1.1.2 Have

O segundo verbo mais freqüente no corpus é o *have* e suas formas flexionadas *had* e *has*. Da mesma forma que *be*, *have* ocorre ora como processo, ora como auxiliar. Como demonstra a tabela abaixo, em NW o verbo *have* ocorre 0,14 pontos percentuais a mais do que em SU:

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Have	230	190	0,40	0,33	0,07
Had	131	97	0,23	0,17	0,06
Has	208	202	0,36	0,35	0,01
Total	569	489	0,99	0,85	0,14

Tabela 4: Ocorrência de *have* e suas formas flexionadas

Diferentemente do verbo *be*, *have* ocorre mais freqüentemente no tempo secundário, na função de auxiliar. Como tal, em termos comparativos, *have* é utilizado em NW 0,11 pontos percentuais acima de SU, conforme a tabela a seguir:

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Have	132	95	0,24	0,16	0,08
Has	150	136	0,26	0,24	0,02
Had	70	63	0,12	0,11	0,01
Total	352	294	0,62	0,51	0,11

Tabela 5: Ocorrência de *have* como auxiliar

Dentre os auxiliares analisados, em NW encontramos 291 ocorrências de *have* no tempo perfectivo, 51 no passivo e somente 10 no progressivo, enquanto em SU somamos 249 ocorrências no perfectivo, 32 no passivo e 13 no progressivo. Vejamos, a seguir, alguns exemplos do verbo *have* funcionando como auxiliar na passiva:

15: (NW: 03)

Madonna said in the statement she **had been “overwhelmed and inspired”** by her trip to Malawi **and hoped** it would help focus attention on the needs of children in Africa.

16: (SU: 27)

The plaster walls in the modest entranceway **have been painted to resemble** marble, a prelude to the interior, where every inch of wall and ceiling **has been so decorated.**

Para fins de contraste, deter-nos-emos nos exemplos 15 e 16: em 15, a oração é projetada através do processo verbal (*said*) para a construção de um tempo verbal complexo (... *had been overwhelmed and inspired*...) composto por duas estruturas apassivadas (*overwhelmed and inspired*) e que se constitui em um grupo verbal, por sua vez integrado a um segundo grupo verbal (*hoped*) por meio de coordenação. Esse exemplo inclui, ainda, um aspecto de subordinação, em virtude da relação lógica entre o processo *hoped* e o passado perfeito que o

precede (*had been overwhelmed and inspired*). Já o exemplo 16 apresenta dois tempos verbais complexos (... *the plaster walls have been painted...*) e (... *ceiling has been so decorated...*) conectados por uma conjunção coordenada (*and*) de modo a formar dois grupos verbais distintos. Vejamos, a seguir, mais alguns exemplos de *have* como auxiliar no tempo perfeito-progressivo:

17: (NW: 09)

Bush's plan for treatment of the terror suspects became law just six weeks after he acknowledged that the CIA **had been secretly interrogating** suspected terrorists overseas **and pressed** Congress to quickly give authority to try them in military commissions.

18: (SU: 04)

Praia do Forte in Bahia not only has paradisiacal beaches, fabulous year round weather, and an immense nearby reef harboring a rich variety of marine wildlife, it also has sea turtles, and these **have been attracting** more and more tourists, thus driving up the demand for pousadas, restaurants, bars, and shops.

Ao contrastarmos os exemplos 17 e 18, vemos que ambos apresentam um grupo verbal complexo, decorrente do uso de tempo verbal secundário (perfeito-progressivo) que, como vimos anteriormente (seção 3.1.1.1), é mais freqüente em NW ocorrendo 73 vezes (0,13%), em contraste com 40 ocorrências (0,09%) em SU. Entretanto, se observarmos as orações em seu contexto, é possível notar que em 17 temos duas subordinações, com as conjunções *after* e *that*, uma coordenação com *and*, além de uma nominalização (*treatment of the terror suspects*), enquanto em 18 temos uma oração comparativa (*not only, it also*), uma coordenada através da conjunção *and* e uma conclusiva (*thus*); portanto, a diferença está na complexidade das orações em NW.

Voltando ao exemplo 17 (NW), além do tempo verbal complexo (passado perfeito progressivo), há ainda um intensificador (*secretly*) que modifica o processo *interrogating* na oração:...*the CIA had been secretly interrogating suspected terrorists....* O mesmo ocorre na oração não-finita *to give*, modificada pelo intensificador *quickly* na oração subordinada:... *and pressed Congress to quickly give authority to try them....* Já no exemplo 18 em SU, ainda que a oração

contenha um intensificador (... *these have been attracting more and more tourists...*), ele não está modificando o grupo verbal, e sim o grupo nominal (*tourists*).

No que diz respeito ao uso de *have* como processo, a diferença quantitativa entre NW e SU é de somente 0,04 pontos percentuais, como mostra a tabela abaixo:

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Had	61	34	0,11	0,06	0,05
Has	58	66	0,10	0,12	0,02
Have	98	95	0,17	0,16	0,01
Total	217	195	0,38	0,34	0,04

Tabela 6: Ocorrência de *have* como processo

Similarmente ao que ocorre com o verbo *be*, em um primeiro momento o processo *have* não apresenta, no tempo primário (passado simples), dificuldades em termos de complexidade lógica. Entretanto, ao analisarmos os desdobramentos oracionais que o sucedem, notamos a presença de complexidade, o que será discutido mais detalhadamente na seção 3.1.2. Listamos, a seguir, alguns exemplos de *have* como processo:

19: (NW: 33)	The corporate raiders who stole his business had a slew of officially stamped papers confirming that they were the new owners.
20: (NW: 29)	But the trail of events that led to this perilous moment—making North Korea the first new declared nuclear power in eight years, and undoubtedly the most unstable of the eight (not including Israel) in the world today— had a great deal to do with years of misplaced pride and prejudice between Pyongyang and Washington, of deep misunderstanding and disastrous missed chances.
21: (NW: 19)	Also like them, the Tigers had a retread pitcher who had served hard time in New York, earning a lot of money but very little love.
22: (SU: 40)	They had a daughter, Alexis, and Martha looked after their daughter until she went to school.

23: (SU: 40)	In 1990 she launched her own magazine, Martha Stewart Living, and soon after she had a television series with five million viewers each week.
24: (SU: 30)	That was how he came to invite me: he was leaving in 15 days and if I wanted to go with him he would pay for my ticket I already had the tourist visa in my passport.

Em síntese, os dados relativos à análise de *have* revelam que a revista *Newsweek* utiliza esse elemento com maior frequência do que a revista *Speak up*, tanto como auxiliar (nos tempos secundários – perfectivo, passivo e progressivo) – 0,11 pontos percentuais a mais, quanto como processo – 0,04% a mais, como mostra a figura abaixo:

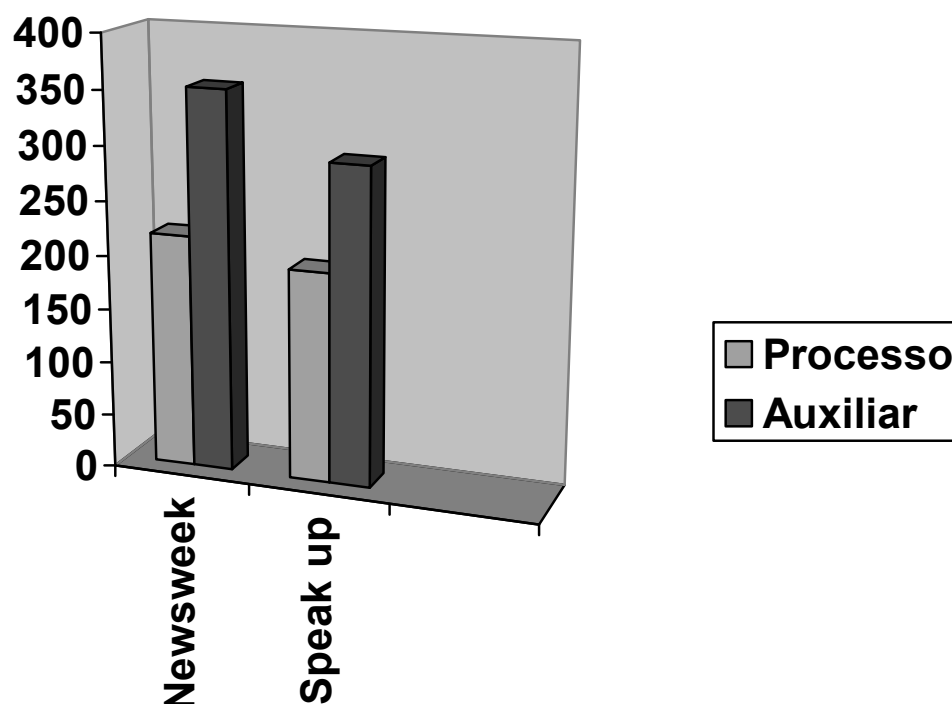


Figura 6: Tipos de *have* no corpus

Os dados analisados levam-nos a concluir, portanto, que, no que diz respeito à extensão do grupo verbal por meio dos verbos mais frequentes no corpus (*be* e *have*), a *Newsweek* recorre, com maior frequência, ao uso de tempos

mais complexos (secundários), em contraste com a *Speak up* que usa tempos mais simples (primários). Nesse sentido, Bernstein (1971:42-43), em sua teoria dos códigos lingüísticos³², sustenta que grupos verbais complexos são característicos do código elaborado, enquanto grupos simples são próprios do código restrito. Em vista disso, podemos denominar o grupo verbal em NW como elaborado e o grupo verbal em SU como restrito.

3.1.2 Grupo Nominal

No que tange ao grupo nominal, Halliday (2004) defende uma análise sob duas perspectivas: a lógica, enfatizando a relação hierárquica entre o núcleo nominal e seus modificadores; e a experiencial, que dá ênfase aos tipos de significado instanciado (vide seção 1.1.1.2).

Para fins de pesquisa, será feito um recorte de grupos nominais, com o propósito de verificar como se dá a expansão dos modificadores em grupos nominais presentes nos textos das duas revistas, ou melhor, como são construídos os grupos nominais em termos de estrutura lógica.

3.1.2.1 Pré-Modificadores

O grupo nominal pode ser modificado tanto por pré-modificadores – os que antecedem o núcleo nominal – quanto por pós-modificadores – os que precedem esse núcleo. Primeiramente, focaremos a expansão dos núcleos nominais através dos pré-modificadores.

³² Segundo Bernstein, a estrutura social orienta diretamente as escolhas lexicais e estruturais dos falantes, gerando códigos de fala distintos que o autor classifica como: (a) **código elaborado**: caracterizado pela formalidade, permite que as pessoas se expressem de modo criativo por meio de orações subordinadas, adjetivos, passivas, etc; e (b) **código restrito**: caracteriza-se pela informalidade e pela falta de variedade lingüística; enfatiza as relações sociais e baseia-se no contexto para tornar-se coerente; é lingüisticamente previsível, com elevado índice de orações coordenadas, pronomes, *tags*, etc.

Em virtude dos diferentes contextos onde ocorrem os pré-modificadores, foram selecionados e analisados os elementos gramaticais à direita do processo *be* em sua forma flexionada *is*, posto que, de acordo com Martin & Rose (2003:76), esse processo é utilizado na atribuição de qualidade a pessoas e coisas. Tais atribuições (denominadas modificadores), bem como suas relações lógicas com os participantes (ou núcleo nominal) serão investigadas a fim de verificar como o grupo nominal se expande ao redor do núcleo. Ao analisarmos detalhadamente as concordâncias de *is* nos textos de NW e SU, detectamos algumas ocorrências de pré-modificadores, como mostram os exemplos a seguir:

25: (NW: 36)	A	gigantically	disproportionate	consumer
26: (NW: 05)	An	especially	intriguing	area
27: (NW: 37)	A	notorious	demanding	boss
PRÉ - MODIFICADORES				NÚCLEO

28: (SU: 57)	A		scary	character
29: (SU: 20)	A		hot	place
30: (SU: 20)	A		luxury	item
PRÉ - MODIFICADORES				NÚCLEO

Segundo Halliday (2004:430), os exemplos acima levantados são classificados como pré-modificadores, que atuam sobre o núcleo nominal por meio do emprego de itens gramaticais como dêiticos, epítetos e classificadores, precedendo o núcleo. A estrutura exibida em 25 a 27 é mais utilizada em NW (14 ocorrências versus 8 ocorrências em SU), na qual o epíteto (*disproportionate*) é modificado através de um intensificador (*gigantically*). Em contrapartida, a estrutura constante dos exemplos 28 a 30 é mais usada pela SU (67 ocorrências) quando comparada a NW (33 ocorrências), o que corresponde ao dobro de ocorrências dessa estrutura na revista brasileira. Vejamos a tabela que sintetiza esses dados:

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Pré-Modificado por Epíteto	33	67	0,06	0,12	0,06
Pré-Modificado por Epíteto + Intensificador	14	08	0,02	0,01	0,01
Total	47	75	0,08	0,13	0,05

Tabela 7: Ocorrência de pré-modificadores

Os dados acima mostram que SU descreve e/ou classifica pessoas e coisas com maior frequência que NW e utiliza grupos nominais, em geral, menos extensos e mais simples em termos lógicos (*scary character*), em contraste com os encontrados em NW (*gigantically disproportionate consumer*), em que ocorrem vários pré-modificadores em um mesmo grupo nominal. Martin & Rose (2003:162) explicam que a descrição e a classificação de pessoas e coisas são comuns em gêneros como histórias, pois “freqüentemente recorrem a recursos referenciais para introduzir e manter os participantes em contato uns com os outros, ao longo do texto”³³.

Em SU, mesmo quando se verifica a construção de um grupo nominal mais extenso, só há subordinação através do modificador que antecede o núcleo nominal, enquanto os demais modificadores encontram-se coordenados ora por vírgula, ora por conjunção coordenada aditiva (*and*), como pode ser observado no exemplo abaixo:

31: (SU: 25)	The		commercial	and administrative	center
32: (SU: 26)	A	vast,	polluted,	overpopulated	place
33: (SU: 42)	A		dark,	obsessed	character
PRÉ- MODIFICADORES					NUCLEO

Na próxima seção, trataremos da construção do grupo nominal por meio de pós-modificadores.

³³ They make by far the greatest use of reference resources to introduce and track participants through a discourse.

3.1.2.2 Pós-Modificadores

Como já abordado acima, o grupo nominal estende-se, também, em direção a um horizonte maior, à direita do núcleo nominal. Voltando ao exemplo 25 (seção 3.1.2.1 acima), encontramos o seguinte exemplo de pré-modificadores em NW: *America is a gigantically disproportionate consumer*, porém, a oração não termina aí; logo após o núcleo nominal (*consumer*), temos a frase *of the world's resources*, constituída por um sintagma preposicionado (*prepositional phrase*). Esse tipo de estrutura é denominado por Halliday (2004: 426) pós-modificador (*post-modifier*), podendo funcionar de três formas no grupo nominal, conforme demonstram os exemplos abaixo:

34: (NW: 28)

<u>A way</u>	of making it easy for people in the shopping malls and main streets all over this great country
to get AIDS drugs to <u>Africans</u>	who can't afford them.
	PÓS- MODIFICADORES

35: (SU: 22)

<u>A National Park</u>	on the most famous southern point of África.
	PÓS- MODIFICADORES

O exemplo 34 contém uma estrutura de transitividade onde o núcleo *A way* – na oração *Product Red is a way...* – é transitivo, isto é, a oração só faz sentido com o acréscimo dos modificadores do núcleo nominal, o que resulta em uma subordinação. Além disso, o núcleo *A way* é modificado por uma oração relativa definidora não-finita (... *of making it easy...*), por sua vez modificada por sintagmas preposicionados (*for people in the shopping malls and main streets all over this great country*). A segunda oração do exemplo 34 tem como núcleo *AIDS drugs*, modificado pelo sintagma preposicionado *to Africans*, que é seguido da oração restritiva *who can't afford them* gerando, assim, um período altamente complexo. O exemplo 35 já apresenta uma estrutura oracional intransitiva, onde a frase *Cape Peninsula is a National Park* pode ser compreendida sem necessidade de

acréscimo do modificador preposicionado locativo *on the most famous southern point of Africa*. Nesse caso específico, embora a circunstância esteja modificando o grupo nominal, esta informação não é essencial à completude da oração.

A análise detalhada dos três tipos de estrutura de modificação presentes nos exemplos acima, e que ocorrem à direita do processo *is*, mostra 52 ocorrências (0,09%) em SU de pós-modificadores formados por sintagmas preposicionados similares aos do exemplo 35, contra 43 ocorrências (0,07%) em NW. Semelhante ao exemplo 34, foram encontradas em NW 10 ocorrências de pós-modificadores formados por orações finitas (0,02%) e 11 formados por orações não-finitas (0,02%), em contraste com SU, em que foram detectadas 14 ocorrências de pós-modificadores formados por orações finitas (0,02%) e 10 formados por orações não-finitas (0,02%), como podemos observar na tabela abaixo:

Elemento	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Pós-Modificado por Sintagma Preposicionado	43	52	0,07	0,09	0,02
Pós-Modificado por Orações finitas	10	14	0,02	0,02	---
Pós-Modificado por Orações não-finitas	11	10	0,02	0,02	---
Total	64	76	0,11	0,13	0,02

Tabela 8: Ocorrência de pós-modificadores

Apesar da diferença quantitativa de pós-modificadores ser mínima nas duas revistas (somente 0,02% a mais em SU), o grupo nominal de NW é mais complexo pela extensão dos pós-modificadores, resultando em um grupo nominal lexicalmente mais denso, como em 36 a seguir:

36: (NW: 58)

But <u>those</u>	who spoke or e-mailed without giving their names for publication
say that	
Midtown is <u>a flourishing group</u>	that has saved their lives,
and that <u>those</u>	who criticize it
resent their success,	

have scores to settle	
or are simply making it all up.	
	PÓS – MODIFICADORES

37: (SU: 22)

South Africa is a country difficult to unify	
but, paradoxically, Cape Town is probably <u>the place within the country</u>	where this unity seems easiest to obtain.
	PÓS – MODIFICADOR

O exemplo 36 possui um período bastante complexo: o núcleo da oração principal (*those*) é modificado por uma restritiva longa (*who spoke or e-mailed without giving their names for publication*), seguida de uma projeção subordinada (*say that*); esta, por sua vez, é complementada por uma oração restritiva (*that has saved their lives*). Essa organização assemelha-se a uma pirâmide, onde uma oração depende da anterior, que depende da que a precede, e assim sucessivamente. Temos, dessa forma, um período com cinco orações, contendo duas coordenações e uma projeção. Além disso, a complexidade textual também está caracterizada pela elisão de pronomes referenciais (anáfora) e por uma forma não-canônica de construção das orações, em que as relativas definidoras têm o sujeito distante do verbo ou do complemento.

No exemplo 37, apesar de a oração ser mais extensa que nos demais exemplos extraídos de SU, ela está conectada pela conjunção coordenada *but* – a mais freqüente conjunção adversativa, e a primeira a ser ensinada aos estrangeiros. Contrariamente ao que ocorre no exemplo 36, que contém três modificações, o exemplo 37 tem só uma modificação, decorrente da realização da oração relativa definidora com *where*.

Os exemplos 36 e 37 são orações relativas definidoras (encaixadas) – também denominadas orações reduzidas – que estendem a oração precedente tornando o grupo nominal mais complexo. Ao mesmo tempo, as orações em NW são mais longas e mais complexas do que as em SU, justificando o apontado na

metodologia (seção 2.3) acerca das dimensões dos sub-corpora: 3.128 períodos em SU, com sub-corpora de 57.189 palavras, contra 2.762 períodos em NW, com sub-corpora de 57.465 palavras, ou seja, uma diferença de 13,26% a mais em número de períodos na publicação brasileira. Entendemos, portanto, que SU utiliza orações mais simples com conjunções coordenadas e pré-modificadores (seção 3.2.1), ao passo que NW expande as orações tanto por meio de conjunções subordinadas quanto de orações relativas. Vejamos os exemplos que atestam essa afirmação:

38: (NW: 06)

Massachusetts is the only state to allow same-sex couples to marry
although there is a push to amend the state constitution to define marriage as the union of a man and woman.

39: (SU: 31)

The British solution is a natural derivative of the tobacco plant
so this is not a problem
but the effect lasts only three to four months
and you must repeat the treatment.

Ao contrastarmos os exemplos 38 e 39, percebemos que, embora ambos contenham 32 palavras cada, o exemplo em NW é formado por duas orações, em oposição as quatro orações presentes no exemplo da SU. Em outras palavras, enquanto o exemplo 38 inclui quatro orações relativas definidoras (*to allow*, *to marry*, *to amend*, *to define*) e uma conjunção hipotática (*although*), o exemplo 39 é formado por três orações coordenadas pelas conjunções *so*, *but* e *and*.

Com base na análise dos grupos nominais presentes nos textos sob estudo, podemos concluir que NW contém os grupos mais complexos, devido às extensões decorrentes do encadeamento de informações nos moldes de uma organização piramidal, por meio da construção de uma série de núcleos nominais logicamente dependentes (subordinados). Em oposição, SU desenvolve os grupos nominais principalmente através de pré-modificadores e de pós-modificadores formados por sintagmas preposicionados. Fulgêncio e Liberato (1996) sustentam

que a extensão do período e a complexidade da organização hierárquica são alguns dos componentes textuais que dificultam a leitura. Exemplifiquemos o que foi dito acima no exemplo a seguir:

40: (NW: 58)

Now 16,	
she is <u>one of hundreds</u>	of recovering alcoholics who are taking sides in a bitter, unprecedented dispute among Alcoholics Anonymous adherents
that pits <u>members of Midtown</u> ,	who insist the organization has saved their lives and kept them sober, ³⁴
against angry former members, who charge it is <u>a coercive, cultlike group</u>	that uses the trusted AA name to induce young alcoholics into a radical fringe movement that has little resemblance to traditional AA.
	PÓS- MODIFICADORES

Nos moldes definidos por Fulgêncio e Liberato (1996), o exemplo 40 pode ser considerado complexo devido à extensão e à organização hierárquica, que caracterizam um período altamente subordinado através do uso de vários pós-modificadores e conjunções hipotáticas.

Encerramos, aqui, a análise os grupos verbais e nominais que integram o nível estrutural abaixo da oração. Na próxima seção, focaremos a análise no nível acima da oração, abordando as relações entre orações por meio de conjunções e referências pronominais que geram diferentes tipos de expansão.

³⁴ Apesar de classificada como oração relativa não-definidora (explicativa), cuja relação de interdependência é de coordenação (parataxe), ela está posicionada na coluna das orações encaixadas – que modificam o grupo nominal – por não ser elemento essencial à coluna de extensão do complexo oracional.

3.2 Acima da oração

3.2.1 Conjunção

De acordo com Halliday (2004:587), a conjunção fornece ao falante/escritor o recurso para marcar uma transição no desenvolvimento do texto, isto é, permite-lhe expandi-lo, passo a passo, delimitando as relações retóricas utilizadas. O autor afirma, ainda, que as relações marcadas por conjunções são semânticas, organizando o texto como um fluxo de significados. Eggins (1994:105) explicita as palavras de Halliday ao afirmar que os padrões coesivos das conjunções explicam de que forma o falante/escritor cria e expressa relações lógicas entre as diferentes partes de um texto.

Nesta pesquisa serão analisadas as conjunções mais freqüentes no corpus, divididas em categorias de relação de interdependência: paratática (*and*, *but*, *so* e *then*) e hipotática (*that*, *which*, *who*, *when* e *where*), com o propósito de identificar como são construídas as relações entre orações por meio das conjunções.

3.2.1.1 *And*

A conjunção mais freqüente no corpus de estudo é a paratática *and*, com 1.656 ocorrências em SU (2,90%) contra 1.395 ocorrências (2,43%) em NW, equivalente a uma diferença de 0,47 pontos percentuais a mais em SU.

Conforme explicitado na metodologia (seção 2.4), tendo em vista a alta ocorrência de *and* (3 mil ocorrências no corpus), foi analisada uma amostra aleatória de 25% das ocorrências em cada revista, ou seja, 348 ocorrências em NW e 414 ocorrências em SU. Desse modo, chegamos às características na tabela 9:

Elemento <i>and</i>	Freq NW	Freq SU	% NW	% SU	Diferença em %
Conjunção externa (conectando orações)	108	171	0,19	0,30	0,11
Conjunção externa (conectando grupos nominais)	224	214	0,39	0,37	0,02
Conjunção interna (conectando períodos)	16	29	0,03	0,05	0,02
Total	348	414	0,61	0,72	0,11

Tabela 9: Ocorrências de *and*

Como revela a tabela acima, a maior diferença quantitativa entre as duas revistas está no uso de *and* conectando orações, representada pela SU com 0,11 pontos percentuais acima da NW. Com uma diferença menor, verificamos que na conexão de períodos, a revista brasileira posiciona-se 0,02% acima da americana e na conexão de grupos nominais, a NW está 0,02% acima de SU. Esses números revelam que a conexão entre grupos nominais por meio da conjunção *and* na revista americana ocorre em volume superior ao dobro (0,20%) da frequência observada em relação à conexão entre orações, ao passo que SU conecta grupos nominais somente 0,07% a mais que orações. Logo, é possível afirmar que NW opta pela expansão dos grupos nominais enquanto SU favorece a expansão das orações. Os exemplos a seguir apontam para algumas ocorrências de *and* nos textos das duas revistas:

41: (NW:29)	In exchange, the North would get full diplomatic recognition, the promise of billions in aid from Washington and Tokyo, and the stamp of legitimacy and guarantee of security that a Clinton visit would bring, says Albright's former senior aide, Wendy Sherman.
42: (NW:51)	In a statement to NBC News, the NRC says it is aware of a "limited amount" of sensitive information that continues to exist in the public domain, but that the "usefulness of this information is minimal given its_age and subsequent changes to and improvements in security programs and physical modifications that have been made to nuclear facilities" since 9/11.
43: (NW:44)	After years of frenetic preparation and construction of Olympic sites, Beijing residents already have seen their city transformed, their sense of national pride burnished, their connection with the outside world enhanced.

44: (SU:27)	When I leave the church it's just after 12:30 and the girls are already working the Largo - I count four - but that will increase as the sun sets.
45: (SU:20)	Timetables are flexible and the agenda of activities is defined with the relevant tourist just one meal before each start.
46: (SU:32)	Chocolate can save your life and it certainly doesn't cause acne.

Contrastando os exemplos acima da NW (41 a 43) e da SU (44 a 46), percebemos que nos exemplos 41 a 43 a expansão concentra-se no nível abaixo da oração – através da conexão de grupos nominais – resultando em uma oração lexicalmente densa em virtude das nominalizações *diplomatic recognition, the promise of billions in aid, the stamp of legitimacy, guarantee of security; subsequent changes, improvements in security programs, physical modifications; frenetic preparation* e *construction of Olympic sites*. A esse respeito, Halliday (1994:352) lembra que através da nominalização construímos orações lexicalmente densas (*lexically dense*) devido à abrangência de grande número de itens lexicais dentro da oração, incorporados ao grupo nominal.

Por outro lado, os exemplos 44 a 46 tratam da expansão acima da oração, conectando complexos oracionais e produzindo orações paratáticas consideradas simples quanto à relação de interdependência nelas observada. Kato (1985) explica que uma relação de coordenação é mais facilmente compreendida pelo leitor devido à sua estrutura mais previsível e à característica principal de estabelecer relações de seqüência, ao contrário das relações de subordinação, em que a relação estabelecida implica uma relação de causa e efeito.

Como conjunção interna, *and* é empregada no início de orações. Nessa posição, como visto na fundamentação teórica (seção 1.1.2.2), *and* exerce função coesiva na organização do texto, conectando os complexos oracionais. Em SU, a conjunção interna *and* tem 29 ocorrências (0,05%), contra 16 (0,03%) em NW, o que equivale a uma diferença de 0,02 pontos percentuais a mais em SU. Em termos de quantificação geral, *and* conecta períodos 94 vezes (0,16%) na SU e 53 vezes (0,09%) na NW, o que equivale a uma diferença de 0,07 pontos percentuais

a mais na SU. Nos exemplos abaixo podemos observar alguns dos contextos em que isso ocorre:

47: (NW: 31)

Democrat Deval Patrick, the black former chief of the Justice Department's Civil Rights Division under President Clinton, appeared to be coasting to victory in his gubernatorial campaign against Republican Lt. Gov. Kerry Healey.
After the September primary, Patrick boasted a lead of more than 30 points in some polls.
And Healey was making little headway portraying herself as a change agent given that four GOP governors-including incumbent Mitt Romney,
who isn't seeking re-election
so he can focus on his presidential aspirations
—have held the top job on Beacon Hill since 1990.

48: (SU: 09)

To protect the tourist industry,
regulations sometimes prohibit the use of forest raw materials:
after all, tourists like to see a rainforest in pristine condition.
But this can deprive local people of income and of a means of survival.
And if these inhabitants lack the requisite skills to work in the tourism industry,
they may be pushed out in order to make room for newcomers with the requisite skills.
And this isn't ecotourism's only inherent problem.
Many unscrupulous tour agencies are jumping on the ecotourism bandwagon to improve their own businesses.

Ao compararmos os exemplos 47 (NW) e 48 (SU), podemos constatar que, embora ambas as revistas totalizem 91 palavras cada, a revista americana constrói três períodos, em oposição aos cinco períodos na revista brasileira. Em 47, a conjunção coesiva *and* ocorre uma única vez, em situação de contraste entre duas idéias, portanto funcionando como contrastiva. Entendemos que, nesse contexto, a conjunção poderia ser substituída pela conjunção coesiva contrastiva *in contrast*. Já em 48, *and* aparece duas vezes. Na primeira ocorrência, *and* é empregada para ligar duas relações lógico-semânticas (contraste e condição); na segunda, *and* tem função de concessão e não de adição. Nesse exemplo a conjunção *but* ocorre uma vez, no início de uma oração, explicitamente contrastiva e de interpretação mais direta, facilitando a decodificação.

3.2.1.2 But

O elemento *but* é a segunda conjunção paratática mais freqüente no corpus, com 298 ocorrências (0,53%) em SU e 261 ocorrências (0,45%) em NW, o que equivale a uma diferença de 0,07 pontos percentuais a mais na revista brasileira. Das conjunções coordenadas, *but* é o de menor diferença quantitativa entre as duas revistas, como pode ser observado na tabela abaixo:

Elemento <i>but</i>	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Conjunção externa (conectando orações)	132	161	0,23	0,29	0,06
Conjunção externa (conectando grupos nominais)	18	21	0,03	0,04	0,01
Conjunção interna (conectando períodos)	111	116	0,19	0,20	0,01
Total	261	298	0,45	0,53	0,08

Tabela 10: Ocorrências de *but*

As diferenças tornam-se mais evidentes quando realizamos uma análise detalhada das concordâncias da conjunção *but*. Por esta análise, encontramos uma média de 4 ocorrências dessa conjunção por texto em SU, equivalente ao dobro da média encontrada em NW (duas ocorrências de *but* por texto). Isso é demonstrado pelos exemplos a seguir:

49: (NW: 29)

North Korea was also helped by its participation in the rogues club of nations that have suffered U.S. sanctions for pursuing nuclear ambitions,
led by Pakistan, since the end of the cold war.
After Washington shut down exports of military hardware to Pakistan in 1985,
none other than Harvard-educated Benazir Bhutto concluded a missile deal with the North.
Pakistan's black-marketing lead scientist, AQ Khan, visited North Korea 13 times over the next seven years.
Pakistani President Pervez Musharraf has denied
he knew anything about this,
but according to former senior Pakistani officials those visits occurred with the knowledge and consent of the military leadership.

50: (SU: 37)

Over 250,000 people lived there during the time of Jesus,
but 1,500 years later the Aztecs found it completely abandoned - a ghost city -
and nobody knows why.
I had hoped to solve the mystery,
but my arrival in Mexico City was complicated by twenty million people and a
confusing subway system.
Discombobulated, I moved southeast.
It was frustrating to miss such a rare sightseeing opportunity,
but a week and 745 kilometers later, in the town of Tehuantepec, locals spoke of
other ruins in the mountains nearby.
Few tourists go there,
they said.
They're difficult to get to.
But these ruins, they insisted, were Mexico's Machu Picchu.

O exemplo 49 compreende quatro períodos totalizando oito orações, com apenas uma oração coordenada por meio da conjunção paratática *but*. As demais orações estão subordinadas por: uma oração não-finita (*led by Pakistan*); uma conjunção hipotática temporal (*after*); e uma projeção por relato por meio do processo verbal (*denied*). O exemplo 50 tem sete períodos em um total de doze orações, contendo seis orações coordenadas por: quatro conjunções paratáticas, sendo três com *but* e uma com *and*; uma projeção por citação³⁵ por meio do processo verbal (*said*); e uma conjunção coesiva concessiva (*but*). Isso vem demonstrar que, embora os exemplos acima possuam números semelhantes de palavras (104 e 108, respectivamente), a extensão do complexo oracional é mais compacta e menos conectada na revista *Newsweek*, isto é, a revista americana possui um número menor de períodos e um número maior de itens lexicais. Tais características são consideradas como densidade lexical, o que corresponde a, segundo Halliday (1994:57-58), uma forma de complexidade. A densidade lexical, como afirma Hancock (2005:186), pode representar recurso importante na escrita visto que “a escrita lexicalmente densa pode ser muito poderosa e muito rica em discursos não-técnicos porque ela empacota um grande número de significado em um curto espaço”³⁶.

³⁵ Consideramos a oração *Few tourists go there, they said* como uma oração projetada paratática mesmo que esta não esteja incluída nas aspas, pois o autor reproduziu a fala do outro.

³⁶ Lexically dense writing can be very powerful and very rich in non-technical discourse because it packs so much meaning into a short space.

3.2.1.3 So

So funciona, também, como conjunção paratática no corpus analisado, ocorrendo 156 vezes em SU (0,27%) contra 84 em NW (0,15%), ou seja, 0,12 pontos percentuais a mais na revista brasileira. Vejamos como esse elemento está caracterizado no corpus:

Elemento so	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Diferença em %
Conjunção externa (conectando orações)	22	52	0,04	0,09	0,05
Conjunção externa (conectando grupos nominais)	52	74	0,09	0,13	0,04
Conjunção interna (conectando períodos)	10	30	0,02	0,05	0,03
Total	84	156	0,15	0,27	0,12

Tabela 11: Ocorrências de so

Mais uma vez, SU faz mais uso de conjunções paratáticas que NW, e um exemplo é so conectando orações, com função lógico-semântica de consequência. Essa conjunção ocorre 52 vezes em SU (0,09%) contra 22 vezes em NW (0,04%), o que corresponde a mais que o dobro de ocorrências na revista brasileira. Exemplifiquemos esse tipo de relação lógico-semântica:

51: (NW: 57)

But the major coffee players say
they also try to help farm communities by purchasing part of their beans directly from farmers
so they receive a fair price for their crop.

52: (SU: 31)

We absorb vitamin D from the sun
and this prevents other forms of cancer and possibly rheumatoid arthritis,
so we must go out
and sunbathe for about ten minutes a day.

Nota-se que, no exemplo 51, a extensão da relação causa e consequência é realizada por meio de oração projetada (say), que estende o grupo nominal

através de uma oração relativa definidora (*by purchasing...*) para finalmente introduzir a consequência com a conjunção coordenada *so*; no exemplo 52, essa mesma relação é representada por três conjunções paratáticas: *and* (duas vezes) e *so* (uma vez).

No que diz respeito à conjunção *so* na conexão de períodos, há 30 ocorrências (0,05%) em SU em contraste com 10 ocorrências (0,02%) em NW, o que equivale a um total de ocorrências três vezes maior na *Speak up*. Por meio de análise detalhada, encontramos esse elemento iniciando períodos (conjunção interna), ora funcionando como marcador discursivo, ora como conjunção de consequência. Os exemplos a seguir mostram a conjunção *so* como marcador discursivo:

53: (NW: 10)

The world's established nuclear powers have for the past decade foregone real test blasts for the onscreen kind,
harnessing the world's most powerful computers to simulate as best as possible what happens when a nuclear bomb explodes.
So why should any nation test-blast weapons anymore
If supersimulators can do the job?

54: (SU: 16)

The Vikings were nomadic people who loved the easy life.
The fast and stable longboat allowed them to move quickly
and attack unprotected towns.
They attacked,
plundered
and escaped.
So why did they bring a large army to England
and settle there?

Nos exemplos 53 e 54, a conjunção paratática *so*, usada para introduzir uma frase interrogativa, atua na organização do conteúdo informacional do discurso, funcionando como um marcador discursivo. Encontramos 12 ocorrências (0,02%) dessa estrutura em SU e 2 ocorrências em NW, o que demonstra que a revista brasileira usa elementos característicos do discurso falado como *so* e *then* para dar seqüência às suas atividades (X aconteceu. *So/Then* Y aconteceu).

Martin & Rose (2003: 112) esclarecem que esses elementos, usados na seqüênciação temporal, são próprios do gênero história.

Em relação ao complexo oracional, o exemplo 53 mostra elaboração por meio de uma relativa não-definidora explicativa (*harnessing the world's most powerful computers to simulate as best as possible...*) que apresenta uma oração encaixada (*what happens when a nuclear bomb explodes*) além de uma subordinação por meio da conjunção condicional *if*. Por outro lado, no exemplo 54 as orações estão conectadas por três conjunções paratáticas (*and*), com informação adicional fornecida pelos segundo e último períodos (*and attack unprotected towns; and settle there?*), ao mesmo tempo que o terceiro período dá seqüência temporal por meio da conjunção *and* (*They attacked, plundered, and escaped*).

Como mencionado acima, a conjunção *so* também inicia orações, gerando uma relação lógico-semântica de consequência. Nessa posição, encontramos *so* 18 vezes em SU (0,03%) e 8 vezes (0,01%) em NW, ou seja, mais que o dobro de ocorrências observadas em SU. Passamos a exemplificar esse tipo de conjunção:

55: (NW: 58)

By the time May Clancy turned 15 years old,
she was well on her way to drinking herself to death.
A middle-school student from Potomac, Md., she had been through 11 different psychiatric and alcohol-rehab programs in two years.
Each time, she started drinking again
as soon as she got out.
Her parents were terrified.
"We'd taken her to hospitals—
—everything possible to get her the best care that we could,"
says May's father, Mike.
"And all these places told us
that they didn't think
she could make it without Alcoholics Anonymous."
So in November 2005,
when May agreed to begin attending meetings at Midtown, one of the oldest and largest AA groups in the Washington, D.C., area,
it felt like a miracle.

56: (SU: 20)

During the wet summer season,
as I was told,
flies and insects are overwhelming,
and the heat becomes unbearable for the less adventurous.
So it's best to lie in the water,
as piranhas are much more rare (SIC) in the wet season than in the dry season.

O contraste entre os exemplos 55 e 56 permite-nos observar que a conjunção coesiva *so* gera uma relação lógico-semântica de consequência, organizando as partes do discurso (períodos) coesivamente. Entretanto, só é possível se estabelecer uma efetiva relação de causa e consequência em 55 com a ampliação do contexto, dada a subordinação lógica das seqüências de atividades; em outras palavras, só entendemos o “milagre” mencionado pelos pais de *May* quando tomamos conhecimento do que realmente ocorreu com a adolescente, opostamente ao que acontece em 56 em que, mesmo não se sabendo o nome do local descrito, percebemos a implicação de uma relação de causa e consequência. Temos no exemplo 55, portanto, um complexo oracional bastante longo, com sete períodos, ao passo que o exemplo 56 contém apenas dois períodos. Esses exemplos reforçam as observações anteriores em relação à complexidade textual, que pode se verificar tanto na expansão dos grupos verbais e nominais quanto na relação entre orações por meio de conjunções e referências pronominais (seção 3.2.2).

3.2.1.4 Then

O elemento *then* ocorre no corpus de estudo sob três diferentes formas: conjunção, advérbio e adjetivo. A *Speak up* usa esse elemento 0,09 pontos percentuais a mais do que a *Newsweek*; portanto, SU recorre a essa conjunção em número de vezes mais elevado que o dobro das ocorrências verificadas em NW. O quadro a seguir confirma esses números:

Elemento <i>then</i>	Freq NW	Freq SU	% NW	% SU	Diferença em %
Conjunção temporal externa (conectando orações)	12	32	0,02	0,06	0,04
Conjunção condicional externa (conectando orações)	01	12	- - -	0,02	0,02
Conjunção externa (conectando grupos nominais)	04	09	- - -	0,02	0,02
Conjunção interna (conectando períodos)	04	13	- - -	0,02	0,02
Com função de advérbio ³⁷	09	06	0,02	0,01	0,01
Com função de adjetivo	04	- - -	- - -	- - -	- - -
Total	34	72	0,04	0,13	0,09

Tabela 12: Ocorrências de *then*

O elemento *then* é utilizado em SU, na maioria das vezes, como conjunção paratática (conexão de orações e períodos), totalizando 57 ocorrências (0,10%). Já NW opta tanto pelo uso do elemento *then* como conjunção temporal como pelo advérbio, implicando temporalidade. No que tange ao uso de conjunções (conexão de orações e períodos), a revista americana utiliza-as 17 vezes (0,03%), o que equivale a uma diferença três vezes maior de ocorrências na revista brasileira. Analisando as concordâncias em maiores detalhes, encontramos algumas ocorrências de *then* conectando orações:

57: (NW: 53)

In another case, lawmakers from an Italian communist party demanded Tuesday that the government take action in the case of Abou Elkassim Britel,
a Moroccan-born Italian citizen whose family and lawyer say was seized during a 2002 trip to Pakistan, tortured and interrogated by U.S. intelligence and local officials, then put on a CIA flight to Morocco,
where he is serving a nine-year prison sentence on terrorism charges.

58: (SU: 03)

This year, eight hundred slave workers on a coffee farm in Bahia were discovered living in terrible conditions, with no proper food, sanitation or housing.
Slave coffee labourers have become an increasing problem in Brazil's vast interior.
They are often taken from poor native communities,
promised paid work
and then transported thousands of kilometres to huge isolated farms,
where they have no way of returning to their homes.

³⁷ Não foi analisado, pormenorizadamente, o elemento *then* tanto com a função de advérbio quanto de adjetivo, uma vez que tais funções não fazem parte do escopo deste estudo.

Nos exemplos acima, a conjunção *then* expressa uma relação lógico-semântica de temporalidade, ou seja, funciona como elemento seqüenciador temporal (primeiro ocorreu X, depois Y). Análises anteriores já confirmaram que, embora um complexo oracional possa ter igual número de palavras nas duas revistas (os exemplos 57 e 58 totalizam 68 palavras cada), cada complexo conta com tipos de extensão distintos. Nesse sentido, podemos constatar que em 57 a extensão do complexo oracional ocorre somente por meio de uma projeção reportada, sendo o restante da mensagem estendido no grupo nominal, modificando o núcleo *Abou Elkassim Britel*. Já em 58 a extensão é realizada, prioritariamente, no complexo oracional, através de orações justapostas e coordenadas explícita (*and then*) e implicitamente, como podemos ver na seqüência temporal *They are often taken from poor native communities, promised paid work*; aqui temos, portanto, uma oração lexicalmente mais densa em NW, com somente um único período, em contraste com os três períodos em SU.

Outra forma usada freqüentemente por SU é o elemento *then* como conjunção condicional, expressando condição vs. resultado (*if... then*), como mostram os exemplos abaixo:

59: (NW: 36)

NEWSWEEK columnist Robert J. Samuelson has written
that, paradoxically, "to make immigration succeed,
we must control immigration."
If we can,
then maybe when the population passes the 400-million mark sometime around mid-century, the nation can celebrate again.

60: (SU: 12)

The bottom line is that,
if we don't dramatically alter our current patterns of behaviour,
then , in 30 years' time, the situation will be catastrophic.

Esse tipo de estrutura é usado, prioritariamente, pela revista brasileira (12 ocorrências), em contraste com uma única ocorrência na revista americana. De um modo geral, SU expressa mais condicionalidade do que NW. A conjunção *if*,

por exemplo, é usada 123 vezes (0,22%) em SU e 98 vezes (0,17%) em NW, o que equivale a uma diferença de 0,05 pontos percentuais.

Finalmente, uma outra forma de utilização do elemento *then*, freqüente na *Speak up*, é como conjunção interna (no início de orações), descrito por Martin & Rose (2003:111) como uma conjunção que pode ser usada em histórias, na conexão de eventos, em sequência temporal. Os exemplos a seguir mostram como tais conjunções são construídas nos períodos das duas revistas:

61: (NW: 29)

Some experts argue
that Kim decided
he needed a nuclear security blanket soon after the 1950-53 Korean War,
which he battled to a draw.
Then came the early 1970s,
when he realized
he was losing the economic contest against his blood enemies in Seoul,
and after that the Soviet Union disintegrated
—a failure that suddenly left Pyongyang without a communist patron or a nuclear umbrella to shield it.

62: (SU: 16)

At this time there was a civil war in Northumbria,
King Ælla was fighting his rival Osbert.
The Viking army made a surprise attack on York
and seized the town.
Then they defended the city against the united Saxon armies
and defeated them,
capturing and killing the king.
In fact, King Ælla died a gruesome, ritual death with the picture of an eagle cut into his back.

Conforme podemos observar, no início de orações a conjunção interna *then* é utilizada para fins de sequência temporal. No exemplo 61, a expansão ocorre fundamentalmente por meio de orações projetadas (*argue*, *decided* e *realized*), relativas não-definidoras (*which* e *when*) e uma conjunção temporal (*and after*), enquanto em 62 a expansão é realizada pela conjunção paratática (*and*) e pela oração explicativa (*capturing and killing the king* e *In fact...*).

Em resumo, a revista *Speak up* usa com maior frequência as conjunções paratáticas para expansão tanto dos grupos nominais (0,05% a mais) quanto dos complexos oracionais (0,35% a mais), quando comparada à revista *Newsweek*. Isso demonstra que a expansão dos complexos oracionais desenvolvida por SU é mais simples em termos de complexidade textual, tendo em mente que uma relação de coordenação é, segundo Kato (1985), mais facilmente compreendida pelo leitor devido à sua estrutura mais previsível, e pelo fato de ter, como característica principal, o estabelecimento de relações de seqüência. Tal expansão (coordenação) é considerada por Bernstein (1971:42-43) como uma característica do código lingüístico restrito.

O quadro a seguir sintetiza a quantificação geral das conjunções paratáticas presentes no corpus de estudo:

Conjunções Paratáticas	Expansão do Grupo Nominal				Expansão do Complexo Oracional			
	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU
And ³⁸	224	214	0,39	0,37	124	200	0,22	0,35
But	18	21	0,03	0,04	243	277	0,42	0,49
So	52	74	0,09	0,13	32	82	0,06	0,14
Then	04	09	- - -	0,02	17	57	0,03	0,10
Total	298	318	0,51	0,56	416	616	0,73	1,08

Tabela 13: Ocorrências de conjunções paratáticas

A partir da tabela acima, foi elaborado o seguinte gráfico com as diferenças quantitativas no qual pode ser percebida a ocorrência inversamente proporcional das conjunções paratáticas nas duas revistas:

³⁸ Foram analisados 25% do total de ocorrências da conjunção *and*, conforme explicitado na abordagem metodológica (seção 2.4).

Conjunções Paratáticas

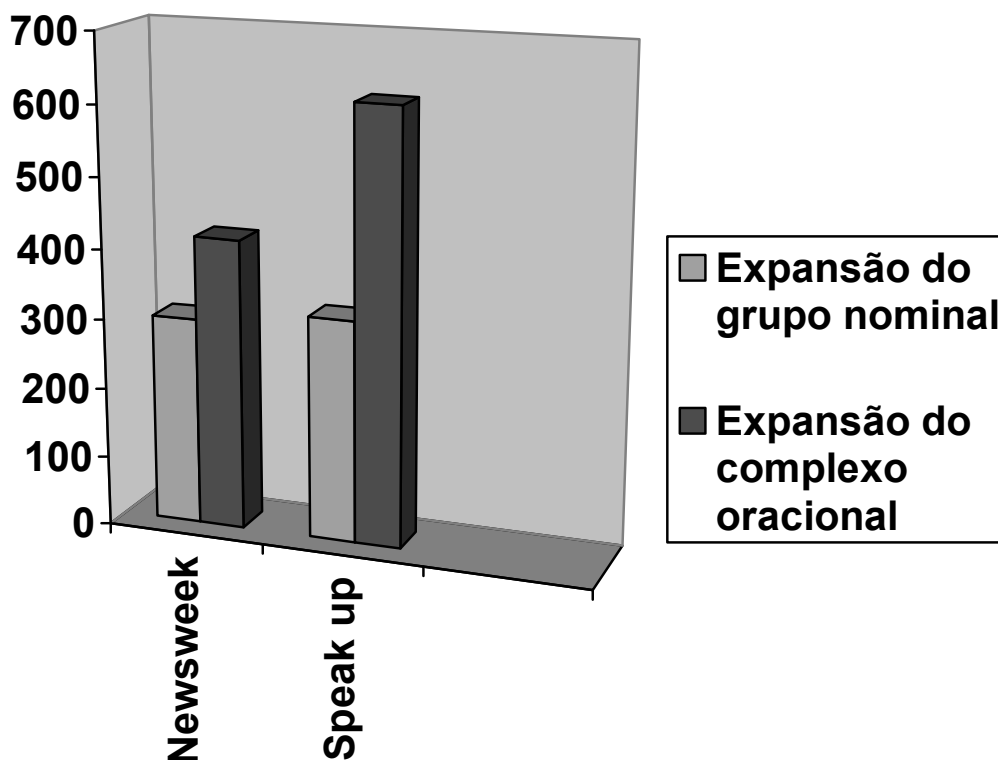


Figura 7: Tipos de expansão paratática no corpus

3.2.1.5 *That*

O elemento *that* tem 637 ocorrências (1,11%) em NW, em contraste com 491 ocorrências (0,86%) em SU; uma diferença, portanto, de 0,25 pontos percentuais a mais na revista americana.

Conforme mencionado na abordagem metodológica (seção 2.4), tendo em vista a alta ocorrência de *that* (mais de 1 mil ocorrências no corpus), foi analisada uma amostra aleatória de 25% das ocorrências em cada revista, isto é, 160 ocorrências em NW e 123 ocorrências em SU. Desse modo, obtivemos os

seguintes resultados:

Elemento <i>that</i>	Freq NW	Freq SU	% NW	% SU	Diferença em %
Conjunção (conectando orações)	87	62	0,15	0,11	0,04
Pronome relativo (definidor) (conectando grupos nominais)	45	30	0,08	0,05	0,03
Pronome Demonstrativo ³⁹	28	31	0,05	0,05	- - -
Total	160	123	0,28	0,21	0,07

Tabela 14: Ocorrências de *that*

Em suas formas mais freqüentes em NW, *that* exerce a função de conjunção hipotática (87 ocorrências) e como pronome relativo (45 ocorrências), contribuindo para a expansão do complexo oracional e do grupo nominal, tornando-os mais complexos. Na análise detalhada das concordâncias, encontramos os seguintes exemplos de *that* como conjunção hipotática:

63: (NW: 34)

Clearly, North Korea is betting
that the global anti-proliferation regimes are in such tatters
that Pyongyang will be allowed to follow in the footsteps of India and Pakistan,
which have weathered the international brouhaha after their own nuclear tests in the late 90's
and are now both U.S. allies.

64: (SU: 20)

But it is also true
that Pantanal animals are at liberty,
so you won't go from one stop to another to see "the next animal"
- or, as I was corrected in our Speak Up office:
"The Pantanal is not a zoo!"

Os exemplos 63 e 64 exibem orações estendidas pela conjunção hipotática *that*. Ao contrário das relativas definidoras, as conjunções hipotáticas têm como função elaborar as orações, transformando-as em períodos mais complexos. Em 63, há duas conjunções subordinadas em seqüência (*that the global anti-proliferation regimes are in such tatters*) e (*that Pyongyang will be allowed to follow in the footsteps of India and Pakistan*), além de uma oração relativa não-definidora

³⁹ Não foi analisado, pormenorizadamente, o elemento *that* como pronome demonstrativo, uma vez que essa função não faz parte do escopo deste estudo.

(*which have weathered the international brouhaha and are now both U.S. allies*) que conta, ainda, com uma circunstância encaixada (*after their own nuclear tests in the late 90's*), tornando o período ainda mais complexo. De maneira diversa, no exemplo 64 a oração estende-se por meio de uma conjunção subordinada (*that*) e de duas conjunções coordenadas (*so* e *or*); além disso, está presente uma conjunção de relação lógica de conformidade (*as I was corrected in our Speak up Office*). Os exemplos a seguir mostram o elemento *that* como pronome relativo:

65: (NW: 29)

But the trail of events that led to this perilous moment
— making North Korea the first new declared nuclear power in eight years, and undoubtedly the most unstable of the eight (not including Israel) in the world today —
had a great deal to do with years of misplaced pride and prejudice between Pyongyang and Washington, of deep misunderstanding and disastrous missed chances.

66: (SU: 10)

After 9/11, it was transatlantic flights that were the worst hit,
but in Europe people continued traveling
and, in less than four weeks, reservations were back up to their pre-9/11 levels.

Nos exemplos 65 e 66, *that* está modificando o núcleo do grupo nominal (*trail of events* e *transatlantic flights*), exercendo a função de relativa definidora (restritiva); a complexidade textual abrange, em ambos os casos, todo o complexo oracional. No entanto, enquanto em 65 o período soma 62 palavras – bastante denso lexicalmente, portanto – em 66 ele é construído com a metade do número de palavras da revista americana (31 palavras), constituindo-se, assim, em um período mais simples.

A complexidade textual observada no exemplo 65 decorre do empacotamento das informações em um único período, por meio da extensão do grupo nominal pelo uso da relativa definidora *that*; da elaboração de uma oração relativa não-definidora bastante longa (*making North Korea the first new declared nuclear power in eight years, and undoubtedly the most unstable of the eight (not*

including Israel) in the world today); e da extensão do núcleo nominal *years* pelas nominalizações *of misplaced pride and prejudice between Pyongyang and Washington* e *of deep misunderstanding and disastrous missed chances*. No exemplo 66, o período é construído de maneira mais simples, uma vez que a revista brasileira constrói, assiduamente, as orações por meio das conjunções paratáticas *but* e *and*.

3.2.1.6 *Who* e *which*

Como já mencionado na fundamentação teórica (seção 1.1.1.2), os pronomes relativos podem funcionar, de acordo com Halliday (2004:402), de duas formas: (a) através de oração relativa definidora (*defining relative clause*), indicando o termo ao qual se refere; nesse caso, a oração é essencial ao entendimento da mensagem (não vem entre vírgulas); e (b) através de oração relativa não-definidora (*non-defining relative clause*), adicionando uma informação ao termo ao qual se refere; não é, portanto, essencial ao entendimento da mensagem (vem sempre entre vírgulas ou depois de vírgula). Listamos a seguir alguns exemplos das duas formas:

Restritiva

67: (NW: 48)	That may be good news for those who abhor reading long documents...
68: (SU: 30)	In general the ones who are in the U.S. aren't very attractive...

Explicativa

69: (NW: 51)	Former New Jersey Gov. Thomas Kean, who also served as co-chairman of the 9/11 commission, calls this inconsistency "appalling."
70: (SU: 20)	Don Eaton, who coordinates researchers and volunteers for EarthWatch, a partner of Conservation International, explained that scientific knowledge about the Pantanal is still basic.

O elemento *who* ocorre 181 vezes (0,31%) em NW, em contraste com 111 ocorrências (0,19%) em SU, o que equivale a uma diferença de 0,12 pontos percentuais a mais na revista americana. Já o elemento *which* acusa uma

pequena diferença percentual entre as duas revistas – somente 0,01 ponto percentual – e ocorre 112 vezes (0,19%) em NW contra 113 vezes (0,20%) em SU.

A análise detalhada desses elementos revela diferenças semânticas evidentes, principalmente no que diz respeito às orações relativas definidoras – usadas para conectar grupos nominais, e as não-definidoras – usadas para conectar orações ao funcionarem como conjunção hipotática, conforme mostra a tabela a seguir:

Elemento		Freq NW	Freq SU	% NW	% SU	Diferença em %
Who	Conjunção (conectando orações)	72	28	0,13	0,05	0,08
	Pronome relativo (definidor) (conectando grupos nominais)	102	69	0,18	0,12	0,06
	Pronome interrogativo ⁴⁰	07	14	0,01	0,02	0,01
Which	Conjunção (conectando orações)	84	61	0,15	0,11	0,04
	Pronome relativo (definidor) (conectando grupos nominais)	28	48	0,05	0,08	0,03
	Pronome interrogativo	---	04	---	---	---
Total		293	224	0,52	0,38	0,14

Tabela 15: Ocorrências de *who* e *which*

NW faz uso das conjunções hipotáticas *who* e *which* 72 e 84 vezes, respectivamente, em contraste com 28 e 61 ocorrências desses elementos em SU, o que equivale a uma diferença de 0,12 pontos percentuais a mais em NW. Ademais, NW utiliza os pronomes relativos definidores *who* e *which* 102 e 28 vezes, respectivamente, em contraste com SU que os usa 69 e 48 vezes, o que corresponde a uma diferença de 0,03 pontos percentuais a mais em NW. Através da análise detalhada das concordâncias dos dois elementos, podemos detectar algumas ocorrências como conjunção hipotática (explicativas), conforme mostram os exemplos a seguir:

⁴⁰ Não foram analisados, pormenorizadamente, os elementos *who* e *which* como pronomes interrogativos, uma vez que essa função não faz parte do escopo deste estudo.

71: (NW: 44)

Indeed, on the same day the new regulations were announced,
an appeals court decided to uphold the three-year prison sentence for Zhao,
who was detained
after The New York Times published a 2004 article predicting — accurately —
that as a result of top-level power tussles,
former president Jiang Zemin would step down from his influential position as
head of the powerful Central Military Commission.

72: (SU: 14)

Harry S. Truman,
who was President of the United States from 1945 to 1953
and who authorised the dropping of atom bombs at Hiroshima and Nagasaki,
was known to say manure as often as a farmer used it.

No exemplo 71, a conjunção hipotática *who* é usada para explicar o que aconteceu com o núcleo nominal (*Zhao*), elaborando uma oração complexa por meio de uma conjunção subordinada temporal (*after*) e de uma oração restritiva (*predicting*). O exemplo 72 exhibe oração expandida duas vezes através da conjunção *who*, sem o acréscimo de outras subordinadas. Logo, NW contém uma oração elaborada com 41 palavras em contraste com as 23 palavras em SU, o que confirma a ocorrência de uma extensão relativamente maior na revista americana.

De acordo com Halliday (2004:399), apesar da estrutura da oração relativa não-definidora implicar uma relação lógica de subordinação, ela não é essencial à oração posto ter como estratégia o acréscimo de informação extra ao discurso, denominada *background information*. Entretanto, por meio do desenvolvimento dessa estrutura na oração, o complexo oracional torna-se mais extenso e denso lexicalmente.

Passamos agora ao uso das orações relativas definidoras que funcionam como pronomes relativos. Nesse sentido, foram encontradas algumas ocorrências de *who* nas duas revistas, exemplificadas abaixo:

73: (NW: 30)

Housing pros even have a well-developed lingo to describe these people:
retirees who move to the sun belt, dislike it and move back home are called
"fullbacks,"

while folks who retreat to an in-between location (say, a Chicagoan who moves to Florida and then Tennessee) are called "halfbacks."
--

74: (SU: 22)

Another business aimed at tourists is Kei Carpets (see interview), which provides work for women who moved up here from the poorer Eastern Cape province.

Ao compararmos os exemplos 73 em NW e 74 em SU, observamos que em 73 o núcleo *people* é modificado por um grupo nominal bastante extenso, extensão esta que ocorre por meio de pós-modificadores (relativas definidoras) que modificam os participantes *retirees*, *folks* e *Chicagoan*, restringindo, assim, as respectivas orações. Além disso, o período está conectado por uma conjunção subordinada aditiva (*while*). Já em 74 o núcleo *women* é modificado por uma oração relativa definidora inserida em uma oração relativa não-definidora, formando, desse modo, uma oração explicativa. Vejamos outros exemplos com a mesma estrutura:

75: (NW: 05)

Be sure to mosey into Tai Sun Co, an Asian market which has all of those odd mushrooms and twisted vegetables helpfully labeled in English; step into a Chinese pharmacy to take a gander at the dried seahorses and snakeskins being ground for medicine; and make a stop at one of the best souvenir stores in the area, J&S Arts and Crafts, where you can stock up on Kung Fu shoes, kimonos, glazed bowls and more.

76: (SU: 29)

As the Romans brought Latin around Europe, and as the Spaniards brought Castilian to the Americas, so the Arabs brought their language during the period of Arab conquests beginning in the 7th century AD which eventually covered the Middle East, North Africa, Iberia and parts of Asia and central Africa.
--

Em 75 e 76, o que chama a atenção não é a extensão das orações por meio de pós-modificadores (relativas definidoras), mas a expansão do complexo oracional. NW usa, por exemplo, conjunções implícitas para conectar as orações, ao passo que a revista brasileira conecta-as por meio de conjunções (*as* e *so*). Fernandes (1997), ao comentar os estudos de Caron, Micko e Thüring (1988),

remete à afirmativa dos autores acerca da contribuição da conjunção para a compreensão do texto, levando o leitor a estabelecer relações entre as partes que o compõem. Em vista disso, sugerem que se estimule a presença das conjunções em textos didáticos. Um estímulo nesse sentido pode ser percebido nos textos em SU, que contêm maior número de explicitações conjuntivas do que em NW.

3.2.1.7 *When e where*

Os elementos *when* e *where* são usados para indicar circunstância de tempo e espaço. A SU os utiliza 0,02 e 0,05 pontos percentuais a mais que NW, como pode ser observado na tabela a seguir:

Elementos		Freq NW	Freq SU	% NW	% SU	Diferença em %
When	Conjunção (conectando orações)	88	92	0,15	0,16	0,01
	Pronome relativo definidor (conectando grupos nominais)	15	17	0,03	0,03	---
	Pronome interrogativo ⁴¹	---	04	---	---	---
Where	Conjunção (conectando orações)	35	62	0,06	0,10	0,04
	Pronome relativo definidor (conectando grupos nominais)	24	24	0,04	0,04	---
	Pronome interrogativo	03	08	---	---	---
Total		165	207	0,28	0,33	0,05

Tabela 16: Ocorrências de *when* e *where*

Dentre as formas mais frequentes de *when* e *where* encontradas em SU estão: a conjunção hipotática temporal e locativa, com 154 ocorrências na soma total das duas conjunções (0,26%) em oposição a 123 ocorrências (0,21%) em NW; e o pronome interrogativo, com 12 ocorrências contra somente 3 ocorrências em NW. Halliday (2004:399-400) ressalta que a relativa não-definidora, quando na função de conjunção hipotática na oração, é frequentemente utilizada em narrativas porque representa “uma estratégia para apresentar informações extras no texto, uma caracterização, uma interpretação de algum aspecto da oração

⁴¹ Não foram analisados, pormenorizadamente, os elementos *when* e *where* com função de pronome interrogativo, uma vez que esse não faz parte do escopo deste estudo.

principal”⁴². Nesse caso específico, SU vale-se desse recurso (como já mencionado acima) 154 vezes (0,26%) em oposição a 123 ocorrências (0,21%) em NW, visando introduzir informações extras sobre quando e onde ocorreram os eventos. Em contrapartida, NW usa *who* e *which* (seção 3.2.1.6 acima) 156 vezes (0,28%) contra 89 ocorrências (0,16%) em SU na inclusão de informações extras sobre quem participou dos eventos.

Para verificar os contextos de ocorrência de *when* and *where*, empreendemos análise pormenorizada das respectivas concordâncias, com destaque para os seguintes exemplos:

77: (NW: 29)

Then came the early 1970s,
when he realized he was losing the economic contest against his blood enemies in Seoul,
and after that the Soviet Union disintegrated
— a failure that suddenly left Pyongyang without a communist patron or a nuclear umbrella to shield it.

78: (SU: 02)

So, in 2002, when many sympathetic PT voters were ready to support any candidate with perhaps fewer blue-collar credentials but with a real chance of trouncing the competition,
Lula, thrice-defeated but still morally and politically pure, decided
that this time it was his turn
- and he was definitely tired of losing.

Em 77 e 78, os dois elementos constroem um grupo oracional complexo. A revista americana, porém, recorre à relativa não-definidora *when* para explicar um período de relação temporal, ao passo que a revista brasileira usa-o para detalhar um período de relação conclusiva. Isso significa que no primeiro exemplo a relativa *when* segue uma seqüência lógica de temporalidade, o que não acontece no segundo. Além disso, em 77 a conjunção paratática *and* tem significado diferente do que a mesma conjunção em 78: enquanto a primeira tem relação temporal, a segunda implica relação de adição.

⁴² (It) is a strategy for introducing into the discourse background information, a characterization, an interpretation of some aspect of the dominant clause.

No que tange à relativa não-definidora *where*, destacamos os seguintes exemplos:

79: (NW: 60)

That means
that babies who die unbaptized are now free to go to heaven
rather than being consigned to limbo,
where for the last 800 years they've been forced to await the End of Days,
unable to share in the beatific vision of God and Jesus Christ with their Roman Catholic brethren.

80: (SU: 27)

Across the walkway leading to the Viaduto Santa Ifigênia, on a tiny balcony at the vertex of the lovely, wedge-shaped Prédio Santa Ephegênia,
where the narrow Rua dos Seminários meets the Largo,
stood the young conductor,
Signaling for attention.

O exemplo 79 contém oração com 52 palavras, em contraste com o 80 que totaliza 39 palavras, ou seja, há uma densidade lexical maior na revista americana. Por outro lado, enquanto em 79 as orações são estendidas por meio de relativas não-definidoras (*where* e *unable to share*) e conjunções subordinadas (*that* e *rather than*), em 80 as orações estendem-se por meio de duas orações não-definidoras menores (*where* e *signaling*) e de uma frase preposicionada.

Halliday (1994:57) explica a questão da complexidade nas estruturas das orações e períodos ao afirmar que a densidade lexical aumenta não porque o número de itens lexicais aumenta, mas porque o número de itens não-lexicais (palavras gramaticais) diminui, fazendo com que o número de orações diminua ainda mais. Mais adiante (p. 67-68), o autor acrescenta que a densidade lexical é maior na medida em que há um maior número de metáforas gramaticais e elipses.

Ao longo da análise dos dados percebemos que as orações da *Newsweek* são mais reduzidas (compactadas) e subordinadas em comparação à *Speak up*, começando com o número de períodos que as duas revistas apresentam no corpus: 2.762 na revista americana e 3.128 na revista brasileira. Bernstein

(1971:42-43) explica que uma das características do código lingüístico elaborado é o uso de subordinações nos complexos oracionais. Considerando os resultados tanto das conjunções paratáticas quanto das hipotáticas, é possível afirmar que, enquanto SU constrói com maior frequência orações características do código lingüístico restrito, NW utiliza o código elaborado mais assiduamente. Nesse sentido, a tabela a seguir resume a seção que trata das conjunções hipotáticas (subordinadas):

Conjunções Hipotáticas	Expansão do Grupo Nominal				Expansão do Complexo Oracional			
	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU	Freq. NW	Freq. SU	% NW	% SU
That ⁴³	45	30	0,08	0,05	87	62	0,15	0,11
Which	28	48	0,05	0,08	84	61	0,15	0,11
Who	102	69	0,18	0,12	72	28	0,13	0,05
When	15	17	0,03	0,03	88	92	0,15	0,16
Where	24	24	0,04	0,04	35	62	0,06	0,10
Total	214	188	0,38	0,32	366	305	0,64	0,53

Tabela 17: Ocorrências de conjunções hipotáticas

A partir da tabela acima, idealizamos o seguinte gráfico com as diferenças quantitativas no uso das conjunções hipotáticas:

⁴³ Foram analisados 25% do total de ocorrências de *that*, uma vez que este ocorre mais de 1 mil vezes no corpus de estudo.

Conjunções Hipotáticas

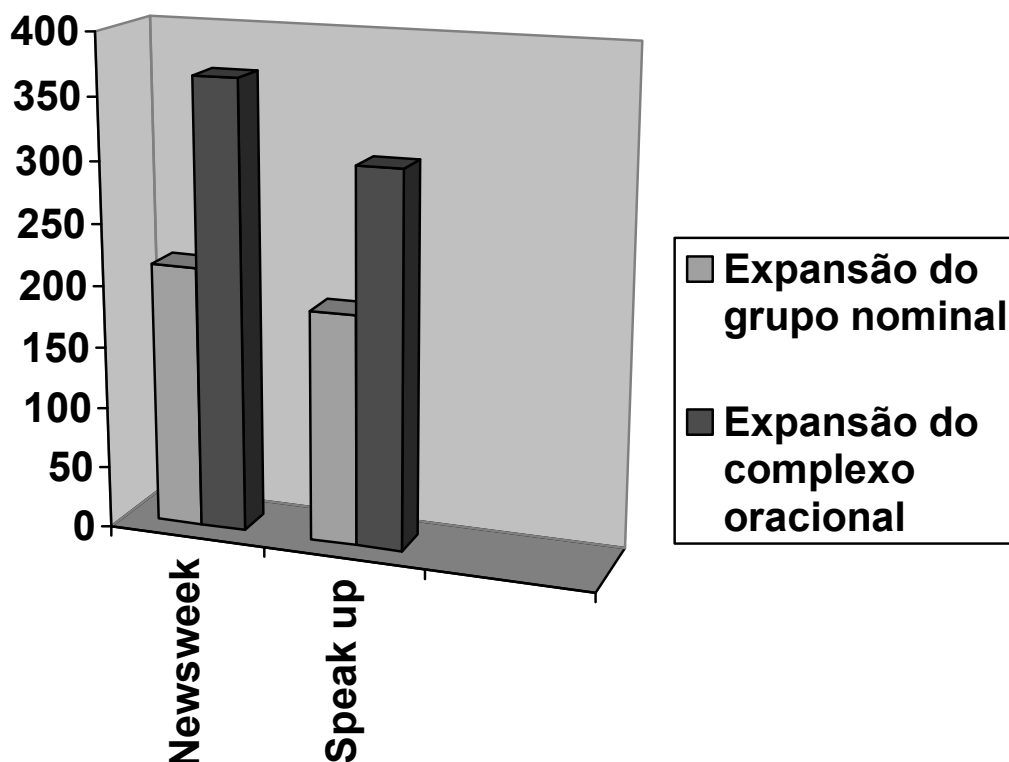


Figura 8: Tipos de expansão hipotática no corpus

3.2.2 Referência Pronominal

Eggins (1994:100) explicita as palavras de Halliday ao afirmar que a referência diz respeito à forma como o escritor introduz os participantes e os mantém em contato uns com os outros, ao longo do texto. Mais adiante, a autora acrescenta que a referência e a conjunção são os principais recursos coesivos em um texto (Fundamentação Teórica, seção 1.1.2.2).

A fim de entender como é construída a relação entre as orações por meio da referência pronominal nos textos das duas revistas, desenvolvemos breve

descrição e análise desse recurso coesivo, do qual SU faz uso 0,96 pontos percentuais a mais que NW. A tabela abaixo sintetiza os dados quantitativos relativos aos pronomes:

Elementos		Freq NW	Freq SU	% NW	% SU	Diferença em %
Pronomes Pessoais	I	100	346	0,17	0,61	0,44
	We	131	159	0,23	0,28	0,05
	You	131	158	0,23	0,28	0,05
	It	264	236	0,46	0,42	0,04
	He	279	274	0,49	0,48	0,01
	She	121	118	0,21	0,21	---
	They	230	230	0,40	0,40	---
Pronomes Objetos	Me	13	84	0,02	0,15	0,13
	Us	30	69	0,05	0,12	0,07
	Them	71	91	0,12	0,16	0,04
	It	116	100	0,20	0,17	0,03
	You	17	30	0,03	0,05	0,02
	Her	32	24	0,06	0,04	0,02
Pronomes Possessivos	My	27	131	0,05	0,23	0,18
	Its	141	86	0,25	0,15	0,10
	Our	40	63	0,07	0,11	0,04
	Her	104	80	0,18	0,14	0,04
	His	165	174	0,28	0,31	0,03
	Their	194	184	0,34	0,32	0,02
Pronomes Demonstrativos	This	151	247	0,26	0,43	0,17
	That ⁴⁴	28	31	0,05	0,05	---
Total		2.385	2.915	4,15	5,11	0,96

Tabela 18: Ocorrências de referência pronominal

Como mostra a tabela 18 acima, há uma diferença evidente no que diz respeito à frequência de uso de pronomes nos textos das duas revistas. SU utiliza, por exemplo, os pronomes de primeira pessoa (singular e plural) 1,5% em contraste com 0,59% em NW, o que equivale a uma diferença de 0,91 pontos percentuais a mais em SU. Por outro lado, NW usa os pronomes de terceira pessoa (singular e plural) 2,99 pontos percentuais em comparação aos 2,8% em SU, correspondendo a uma diferença de 0,19 pontos percentuais a mais em NW.

⁴⁴ Foram analisados 25% do total de ocorrências do elemento *that* no corpus, conforme mostra a análise da seção 3.2.1.5 deste capítulo.

Através de uma análise pormenorizada dos textos NW:32 e SU:45 (Anexos 2 e 3), buscamos identificar como se caracteriza a relação entre as orações nesses dois textos em termos de referência pronominal, especificamente no que tange aos participantes principais: Nancy Pelosi em NW e Elizabeth em SU. Vejamos a seguir quais foram os tipos de referência pronominal encontrados:

Tipos	NW: 32	SU: 45
Apresentação	Nancy Pelosi	a young Englishwoman, a princess, a queen,
Pressuposição	The California congresswoman, Pelosi, Ø, she, Ø, Pelosi, Pelosi, the house minority leader, Speaker of the house, she, the first Democrat, the first woman, she	Ø, Princess Elizabeth, Elizabeth, Elizabeth, The Queen, she, she, Ø, She, the royal woman, She, she, the princess, She, Elizabeth and Philip, the couple
Possessivo	Ø, her, her, Pelosi's	her, her, her, her, their,
Comparativo	Others	

Quadro 10: Tipos de Referência Pronominal

Em NW:32, a revista americana não apresenta o participante (Nancy Pelosi) por meio do artigo indefinido *A*, normalmente utilizado nesse sentido. Em consequência, a leitura torna-se mais difícil para o leitor brasileiro de ILE, uma vez que o seu contexto de cultura não está familiarizado com essa personalidade política. Ademais, por três vezes NW recorre à referência nominal *Pelosi*, por três vezes à referência pronominal *she* e, finalmente, por quatro vezes ao artigo definido *the* para continuar falando do participante. Por sua vez, a revista brasileira lança mão de pronomes e determinadores (artigos) em maior proporção. Por exemplo, o escritor apresenta o participante ao leitor por meio do artigo indefinido *A*, como mostram as frases: *a young Englishwoman, a princess, a queen*; em seguida, utiliza-se de: *The Princess Elizabeth, Elizabeth* e *The Queen*. SU usa, ainda, o dobro de ocorrências dos pronomes *she* e *her* em comparação a NW.

No que diz respeito ao uso da referência nos textos, Martin & Rose (2003:162) afirmam que “a maneira como os participantes são identificados é um aspecto importante sobre como um texto se desdobra. De todos os gêneros, as

histórias são os que mais usam recursos referenciais para apresentar os participantes e mantê-los em contato uns com os outros ao longo do texto”⁴⁵.

Considerando a afirmação de Martin & Rose (2003) sobre o uso de recursos referenciais e com base nos dados quantitativos obtidos, podemos concluir que SU exhibe características do gênero história ao utilizar recursos referenciais 0,96 pontos percentuais a mais em comparação a NW, recursos esses, em sua grande maioria, representados por pronomes de primeira pessoa. Ainda a respeito do assunto, Bernstein (1971:42-43) afirma que o alto índice de uso de pronomes é característico do código lingüístico restrito.

Em resumo, podemos sintetizar os resultados obtidos neste capítulo por meio de um quadro contendo as principais características, em termos de estrutura do texto abaixo e acima da oração, dos textos das duas revistas. Com base nos dados obtidos e em consonância com os códigos lingüísticos de Bernstein (1971:115-116), concluímos que a *Newsweek* segue o código elaborado, enquanto a *Speak up* guia-se pelo código restrito.

⁴⁵ The way in which participants are identified is an important aspect of how a text unfolds. Of all genres, stories make by the far the greatest use of reference resources to introduce and track participants through a discourse.

		<i>Newsweek</i>	<i>Speak up</i>
Estrutura do texto abaixo da oração	Grupo Verbal	+ grupos verbais complexos, funcionando como auxiliar (perfectivo, progressivo, futuro com <i>going to</i> e passivo)	+ grupos verbais simples, funcionando como processo (passado, presente e futuro simples)
	Grupo nominal	+ grupos nominais complexos e densos lexicalmente, devido às extensões decorrentes do encadeamento de informações, por meio da construção de uma série de nominalizações e relativas definidoras	+ grupos nominais simples, formados por pré-modificadores e pós-modificadores com sintagmas preposicionados
Estrutura do texto acima da oração	Conjunção	+ conjunções subordinadas Complexidade na organização hierárquica decorrente das orações reduzidas (compactadas)	+ conjunções coordenadas
	Referência pronominal	+ pronomes de 3ª pessoa	+ pronomes de 1ª pessoa Alto índice de pronomes

Quadro 11: Características das estruturas dos textos nas revistas *Newsweek* e *Speak up*

A seguir, passaremos às considerações finais resultantes das análises desenvolvidas.

Considerações Finais

Como informado no início desta dissertação, a motivação da pesquisa originou-se de um projeto de leitura que desenvolvemos para alunos de inglês como língua estrangeira em um contexto empresarial, objetivando o aprimoramento de seus conhecimentos lingüísticos. Nessa ocasião observou-se que os alunos tinham mais facilidade em compreender textos de *Speak up* do que de *Newsweek*, o que despertou nosso interesse em descobrir o porquê. Partimos do pressuposto que as diferentes dificuldades tinham a ver com o uso de conjunções.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, ficou explícito que o estudo das conjunções não seria suficiente aos nossos propósitos. Assim, foram incluídos na análise outros aspectos dos textos, em busca de elementos gramaticais responsáveis por sua coesão e organização. Chegou-se à conclusão de que as dificuldades se apresentam tanto abaixo da oração (grupo verbal e nominal) quanto acima dela (conjunção e referência pronominal), e que estão relacionadas com a complexidade dos textos, em termos de estrutura lógica, levando-nos a focar diferentes tipos de estrutura utilizados nas duas revistas. Para tanto, foi utilizada como base teórica a Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1985, 1994, 2004).

Passaremos à síntese dos resultados encontrados que se constituem em respostas às perguntas de pesquisa apresentadas na introdução do trabalho.

Quanto à primeira pergunta (Como se caracteriza o grupo verbal nos artigos das revistas *Speak up* e *Newsweek*?), concluímos que o grupo verbal apresenta características distintas nas duas revistas. *Newsweek* constrói um grupo verbal mais complexo em termos de estrutura lógica, valendo-se, freqüentemente, de

tempos verbais secundários formados por auxiliares funcionando como modificadores do núcleo verbal, enquanto *Speak up* constrói principalmente grupos verbais mais simples, apenas com tempo primário, no qual o processo funciona como núcleo do grupo.

Quanto à segunda pergunta (Como se caracteriza o grupo nominal nas duas revistas?), demonstramos que nelas o grupo nominal se diferencia, principalmente, no que diz respeito à densidade lexical. *Newsweek* contém grupos nominais mais densos lexicalmente, com extensões decorrentes do encadeamento de informações, por meio da construção de uma série de nominalizações e orações relativas definidoras muito mais complexas. Em direção oposta, os textos de *Speak up* são construídos através de grupos nominais formados, principalmente, por pré-modificadores e pós-modificadores com sintagmas preposicionados.

Finalmente, no que se refere à última pergunta de pesquisa (Como se caracteriza a relação entre as orações nas duas revistas?), concluiu-se que as relações entre as orações são estabelecidas, em *Newsweek*, com muitas conjunções subordinadas e orações reduzidas, tornando os textos mais complexos em sua organização hierárquica, ao passo que em *Speak up* as relações entre as orações são mais freqüentemente realizadas através de conjunções coordenadas. Por outro lado, *Speak up* apresenta alto índice de referências pronominais, notadamente pronomes de primeira pessoa, em contraste com *Newsweek* cuja preferência recai sobre a terceira pessoa.

Em suma, os textos de *Speak up* contêm o que Bhatia (1983) denomina simplificação e facilitação da linguagem, provavelmente em prol de uma melhor compreensão pelos leitores brasileiros de ILE; eles também buscam facilitar a compreensão introduzindo recursos como glossários e *headings* em português. Ao contrário, em *Newsweek* é possível notar maior elaboração lingüística em termos de complexidade lógica, claramente representando o tipo de discurso

logicamente complexo (*complex logic*) e lingüisticamente elaborado que Bernstein (1971:42-43) denomina código elaborado.

Apesar da motivação inicial, este trabalho não pretendeu tirar conclusões sobre qual tipo de texto seria melhor ou mais apropriado para uso em situação de ensino, mas sim entender as estruturas dos textos e, dessa maneira poder oferecer subsídios ao ensino-aprendizagem dessas estruturas visando aprimorar a compreensão e a produção escrita dos alunos (não somente na área de língua inglesa e instrumental, mas também outras línguas e abordagens). Esperamos assim estar sendo úteis para a área de Lingüística Aplicada.

Uma outra contribuição deste estudo tem cunho teórico e está relacionada a um nível de análise sistêmico-funcional ainda pouco pesquisado no Brasil – os níveis abaixo e acima da oração – com enfoque na metafunção lógica, a fim de compreender melhor os mecanismos de organização estrutural da oração, do nível mais baixo (grupos) ao mais alto (complexos oracionais).

Este trabalho limitou-se à análise de artigos de revista em língua inglesa, tendo sido deixado para um momento futuro, inclusive por limitações de tempo, o estudo relacionado às dificuldades de leitura dos aprendizes, que passaram a constituir-se apenas em motivação inicial. Assim, seria interessante, em pesquisas futuras, um estudo que contemplasse a aplicação de análises textuais, em níveis de organização estrutural, ao ensino de ILE, para avaliar as reais dificuldades de compreensão de leitura dos aprendizes contribuindo para o aperfeiçoamento das práticas específicas desenvolvidas em sala de aula. Outro interesse em pesquisas futuras é o desenvolvimento de um estudo contrastivo com corpus em português que contemple a análise de textos autênticos e não-autênticos em níveis abaixo e acima da oração, buscando detectar diferenças e semelhanças de uso entre as duas línguas.

Referências Bibliográficas

ALVES-SILVA, J.J. 2004. *Os pronomes pessoais em espanhol e em português: um estudo contrastivo sob a perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

BHATIA, V.K. 1983. Simplification v. Easification: the case of legal texts. *Applied Linguistics*. Oxford University Press, vol. 04, nº 01, pp. 42-54.

BERBER-SARDINHA, T. 2000. Lingüística de corpus: histórico e problemática. *DELTA*, vol. 16, nº 02, pp. 323-367.

BERNSTEIN, B. 1971. *Class, code and control, v.1*. London: Routledge & Kegan Paul.

BIBER, D. et al. 1999. *Corpus linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge University Press.

BUTT et. al. 2000. *Using functional grammar*. Macquarie University, Sidney: NCELTR.

BRESSANE, T.B.R.2000. *Construção de identidade numa empresa em transformação*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

CARON, J, MICKO, H.C, THÜRING, M. 1988. Conjunctions and the recall of composite sentences. *Journal of Memory and Language*, vol. 27, nº 33, pp. 309-323.

COELHO, T.O.C. 2000. *A Reflexão como estratégia de aprendizagem de língua inglesa – uma experiência no ensino de leitura*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

CRISTOVÃO, V.L.L. 2001. *Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático*. Tese de Doutorado. LAEL - PUCSP.

EGGINS, S. 1994. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FANTINI, M.C. 1997. *O Impacto de modelos interiorizados do processo de leitura na compreensão de textos em inglês como língua estrangeira*. Tese de Doutorado. LAEL - PUCSP.

FERNANDES, M.A. 1997. *A compreensão da conjunção e a conjunção na compreensão*. Dissertação de Mestrado. FALE - UFMG.

FULGÊNCIO, L. & LIBERATO, Y. 1996. *A leitura na escola*. São Paulo: Contexto.

GATTOLIN, S.R.B. 1998. *O Ensino de vocabulário em língua estrangeira: uma proposta para sua sistematização*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.

GEVA, E. 1992. The role of conjunctions in L2 text comprehension. *TESOL Quarterly*, vol. 26, nº 4, pp. 731-747.

GOUVEIA, C.A.M. & BARBARA, L. 2001. Marked or unmarked that is not the question, the question is: "Where's the theme?". Paper presented at the 12th Euro-International Systemic Functional Linguistics Workshop. University of Glasgow, pp.19-22, July 2000. *Direct Paper 45*. São Paulo: PUC-SP.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. 1976. *Cohesion in English*. London: Longman.

HALLIDAY, M.A.K & HASAN, R. 1989. *Language, context, and text: aspect of language in a social-semiotic perspective*. Second Edition. Deakin University Press / Oxford University Press.

HALLIDAY, M.A.K. & MARTIN, J.R. (eds.). 1981. *Readings in systemic linguistics*. London: Batsford.

HALLIDAY, M.A.K. 1985. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 1994.

HALLIDAY, M.A.K. 1994. Spoken and written modes of meaning. In: GRADDOL, D. & BOYD-BARRETT, O. *Media texts: authors and readers*. The Open University.

HALLIDAY, M.A.K, 1995. Language and the theory of codes. In: SADOVNIK, A.R. (ed). *Knowledge and Pedagogy: The sociology of Basil Bernstein*. Greenwood Publishing Group.

HALLIDAY, M.A.K & MATTHIESSEN, C.M.I.M. 2004. *An introduction to functional*

grammar. London: Edward Arnold. Third Edition.

HANCOCK, C. 2005. *Meaning-centered grammar*. London: Equinox Publishing Ltd.

INNAJIH, A. 2006. The impact of textual cohesive conjunctions on the reading comprehension of foreign language students. *ARECLS E-Journal*, vol. 3, pp. 1-20.

JESPERSEN, O. 1904. *How to teach a foreign language*. Tradução do original (dinamarquês para o inglês) de Sophia Yhlen-Olsen Bertelsen. London: George Allen & Unwin Ltd.

KATO, M.A. 1985. Estratégias de interpretação de sentenças e compreensão de textos. In: M.A.KATO. *Aprendizagem da leitura*. São Paulo: Martins Fontes.

KOCH, I.V. 1991. *A Coesão textual*. São Paulo: Contexto.

LIMA, K.B.F. 1996. *Coesão em textos escritos por principiantes: seqüência, repetição e conjunções*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.

LIMA-LOPES, R.E. 2001. *Estudos de transitividade em língua portuguesa: o perfil do gênero cartas de venda*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

MARTIN, J.R. 1983. Conjunction: the logic of English text. In Petofi & Sozer (eds.) *Micro and macroconnexity of texts*. Hamburg: Helmut Buske. *Papers in Textlinguistics*, vol.45, pp. 1-72.

MARTIN, J.R. 1992. *English text: system and structure*. Amsterdam: John Benjamins Publishers Company.

MARTIN, J.R. & ROSE, D. 2003. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. Open Linguistics Series. Continuum International Publishing Group Ltd.

NUNAN, D. 1999. *Second language teaching & learning*. Canada: Heinle & Heinle Publishers.

NUNES, M.B.C. 2000. *O Professor em sala de aula de leitura: desafios, opções, encontros e desencontros*. Tese de Doutorado. LAEL - PUCSP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOS, R.C.G. 1988. *Estratégias usadas por falsos principiantes na leitura de textos acadêmicos em inglês*. Dissertação de Mestrado. LAEL - PUCSP.

SCARAMUCCI, M.V.R. 1995. *O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: foco no produto e no processo*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

SCOTT, M.R. 1999. *WordSmith tools*. Oxford: Oxford University Press.

SILVA, C.E. 2001. *O Processo de compreensão na leitura em língua estrangeira: relato de uma experiência com alunos do 2º grau*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP.

SIQUEIRA, C.P. 2000. *Análise temática em estudos de tradução – o caso de relatórios anuais de empresas brasileiras*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

SIQUEIRA, T.S. 1999. *Estratégias metacognitivas na compreensão de leitura em LE: uma investigação qualitativa*. Dissertação de Mestrado. LAEL - PUCSP.

SOBHIE, M.T.B. 2003. *Linguagem e marketing industrial: interação em prospectos*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

THOMPSON, G. 1996. *Introducing functional grammar*. London: Arnold.

TOLEDO-PEREIRA, D. 2005. *Escolhas temáticas no discurso de guias de turismo e monitores de museus no Brasil e na Espanha*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

ZYGMANTAS, J. 2004. *O ensino-aprendizagem de leitura em língua estrangeira (L.E): foco na (re)construção de significados*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUCSP.

Endereços Eletrônicos

http://edpeixes.ig.com.br/publicidade/revista_speakup.shtml. (acesso digital em 20 de janeiro de 2008).

www.asinestop.com.br/speakup (acesso digital em 20 de janeiro de 2008).

www.newsweek.com.br/MK2006 (acesso digital em 20 de janeiro de 2008).

Anexos

Lista de palavras detalhada das 100^{as} palavras mais freqüentes

Anexo 01

Posição na lista	Palavra	Freq. Corpus	Nº textos	Freq. NW	Freq. SU
1	THE	6.498	119	3.092	3.406
2	#	3.432	118	1.194	2.238
3	AND	3.051	119	1.395	1.656
4	A	2.836	119	1.396	1.440
5	OF	2.781	119	1.416	1.365
6	TO	2.861	119	1.567	1.294
7	IN	2.207	119	1.137	1.070
8	IS	1.109	115	454	655
9	THAT	1.128	114	637	491
10	FOR	937	118	492	445
11	AS	691	112	321	370
12	WITH	727	112	376	351
13	I	452	64	103	349
14	ON	695	115	356	339
15	IT	716	111	380	336
16	WAS	632	104	315	317
17	BUT	559	115	261	298
18	FROM	530	108	238	292
19	ARE	541	104	259	282
20	HE	553	91	279	274
21	AT	531	111	283	248
22	THIS	398	105	151	247
23	THEY	460	100	230	230
24	AN	410	110	208	202
25	HAS	410	100	208	202
26	BE	460	99	264	196
27	BY	435	105	244	191
28	HAVE	420	105	230	190
29	YOU	337	76	147	190
30	THEIR	378	89	194	184
31	HIS	343	80	167	176
32	WE	290	72	131	159
33	OR	320	90	163	157
34	SO	240	82	84	156
35	ONE	294	96	146	148
36	MORE	300	91	158	142
37	UP	269	91	129	140

38	NOT	342	103	207	135
39	MY	158	33	27	131
40	CAN	242	81	113	129
41	ALL	246	82	118	128
42	LIKE	230	66	104	126
43	IF	221	82	98	123
44	WERE	274	87	153	121
45	SHE	239	39	121	118
46	PEOPLE	215	74	101	114
47	WHEN	216	81	103	113
48	WHICH	225	94	112	113
49	WHO	292	88	181	111
50	SOME	211	85	102	109
51	OUT	211	84	104	107
52	HER	240	36	136	104
53	ENGLISH	110	32	8	102
54	INTO	178	75	76	102
55	ALSO	207	86	108	99
56	WHAT	181	73	82	99
57	HAD	228	73	131	97
58	THERE	198	74	101	97
59	WILL	314	84	217	97
60	WOULD	234	72	138	96
61	IT'S	143	46	49	94
62	WHERE	156	63	62	94
63	NEW	227	77	136	91
64	THEM	162	65	71	91
65	ABOUT	220	84	131	89
66	DO	152	60	63	89
67	TIME	184	76	96	88
68	TWO	159	66	71	88
69	ITS	228	75	142	86
70	ME	97	24	13	84
71	ONLY	150	74	66	84
72	BEEN	194	82	111	83
73	MANY	147	58	64	83
74	WORLD	132	56	49	83
75	THAN	208	84	129	79
76	NO	167	70	89	78
77	OTHER	176	74	99	77
78	YEARS	173	77	97	76
79	BRAZIL	79	22	5	74
80	EVEN	143	66	69	74
81	AFTER	171	81	99	72
82	THEN	109	57	37	72
83	S	401	65	331	70
84	WAY	128	57	58	70
85	US	99	43	30	69

ANEXOS

86	CITY	104	33	36	68
87	FIRST	134	70	66	68
88	MOST	133	70	67	66
89	OUR	103	54	40	63
90	OVER	135	65	72	63
91	COFFEE	93	9	31	62
92	SEE	99	51	38	61
93	AROUND	81	49	21	60
94	HOW	104	63	45	59
95	LANGUAGE	61	17	2	59
96	SAID	386	75	327	59
97	BACK	104	52	46	58
98	JUST	123	66	66	57
99	MUCH	93	56	36	57
100	NOW	127	68	70	57

Textos utilizados na análise da referência pronominal

Anexo 2: NW: 32

Nancy Pelosi walks out of an airport
the way others might flee a burning building.
A car is waiting Ø outside
and the California congresswoman , straining under the weight of a suitcase, a fold-over bag and a pile of newspapers, cannot reach it quickly enough.
Behind her , two young aides are having a hard time keeping up with their 66-year-old boss
—if only because both of them are attempting to navigate their way through the concourse
while furiously typing into their BlackBerrys at the same time.
There are only a few weeks left before the midterm elections,
and for Pelosi , the few minutes it takes to walk from the gate to the exit are wasted time.
Time that Ø could be spent memorizing the names and faces of the 200 people
she's about to meet,
or Ø squeezing donors for last-minute contributions that will enable Pelosi to reach her ultimate goal:
winning the 15 seats
Democrats need to take control of the House.
If they do,
Pelosi , the House minority leader since 2002, will rise to Speaker of the House .
She'll be the first Democrat to hold the job in 12 years.
And the first woman , ever.
The chances look pretty good.
Current polls show
Democrats could win 25 or more House seats.
But Pelosi's strategy seems to be to campaign
as if she doesn't believe it.

Anexo 3: SU: 45

Once upon a time a young Englishwoman went up a tree as a princess
and Ø came down a queen .
Can this be true?
Well, on February 5 th , 1952 Princess Elizabeth stayed the night at the Treetops Hotel in Kenya;
the hotel was little more than a tree house with servants,
its rooms built high in a tree.
The next day Elizabeth descended for breakfast to learn that her father, King George VI, had died.
He had two daughters and no sons:
as his older daughter, Elizabeth succeeded him at the age of 25.
The Queen has been a determined person throughout her life.
At the beginning of the Second World War in 1939, she wanted to be a nurse in London;
her father decided it was too dangerous,
but she finally convinced him
and Ø joined the Auxiliary Territorial Service as a driver.
She was the first royal woman to serve in the military.
She met Prince Philip when she was just 13 years old.
Philip, five years older than her , was more interested in sports at that time,
but for the princess it was love at first sight.
She called him æmy (SIC) Viking prince.
The King didn't approve of their relationship
so in 1946 Elizabeth and Philip got engaged secretly.
One year later, the King permitted the engagement and the couple got married in November 1947.